



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
COLEGIADO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

CAMILA SILVA ALVES DE OLIVEIRA

**RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS EM ÁGUA DE
BARRELA (2018) DE ELIANA ALVES CRUZ: A ESCRIVIVÊNCIA COMO FORÇA**

SEABRA, BAHIA

2025

CAMILA SILVA ALVES DE OLIVEIRA

**RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS EM ÁGUA DE
BARRELA (2018) DE ELIANA ALVES CRUZ: A ESCREVIVÊNCIA COMO FORÇA**

Monografia apresentada ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XXIII – Seabra, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.


Orientadora: Profa. Dra. Josane Silva Souza

SEABRA, BAHIA

2025

TERMO DE ANUÊNCIA DO ORIENTADOR

Declaro para os devidos fins que li e revisei este trabalho e atesto sua qualidade como resultado final desta monografia. Confirmando que o referencial teórico apresentado é completo e suficiente para fundamentar os objetivos propostos e que a metodologia científica utilizada e os resultados finais são consistentes e com qualidade suficiente para submissão à banca examinadora final do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.

Documento assinado digitalmente
 **JOSANE SILVA SOUZA**
Data: 22/01/2026 14:50:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Dra. Josane Silva Souza

Orientador (a)

CAMILA SILVA ALVES DE OLIVEIRA

RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS EM ÁGUA DE BARRELA (2018) DE ELIANA ALVES CRUZ: A ESCREVIVÊNCIA COMO FORÇA

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XXIII, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em: 17 de Dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JOSANE SILVA SOUZA

Data: 22/01/2026 14:50:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Josane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia (DCHT23)

Orientadora

Documento assinado digitalmente



ODAILTA ALVES DA SILVA

Data: 22/01/2026 15:03:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Ma. Odailta Alves

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Secretária de Educação do Estado de Pernambuco

Examinadora

Documento assinado digitalmente



ALINE NERY DOS SANTOS

Data: 23/01/2026 17:51:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Aline Nery dos Santos

Universidade do Estado da Bahia (DCHT23)

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus ancestrais, meus avós: Silvina Alves de Oliveira, Francisco Gomes de Oliveira, André Moreira da Silva e Natalina Moreira da Silva; e principalmente aos meus pais, Adetina Moreira da Silva Oliveira e Elio Alves de Oliveira, sem eles não seria possível chegar no local onde meus pés pisam hoje.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, agradeço à Deus pelas bênçãos alcançadas, sem a sua proteção divina não seria possível.

Foram muitas as pessoas que passaram pelo meu caminho durante esse processo, não poderia deixar de agradecer aquelas que me mantiveram firmes:

Aos meus pais, dona Adetina Oliveira e Elio Oliveira, por todo amor, carinho e confiança, e principalmente, pelo esforço que tiveram e tem para ver sua filha em espaços que eles não conseguiram ocupar.

Evanete Oliveira, a tia que com o tempo se tornou mãe e fortaleceu os meus objetivos.

Minha querida orientadora, Dra. Josane Silva Souza, obrigado pela paciência e amizade, que tornaram mais leve esses momentos de pesquisa.

A irmã de alma, Ires Moreira, que escutou as aflições e trouxe conforto, naqueles momentos que me acolheu com abraços.

Ao meu companheiro, que segurou a minha mão para atravessar as adversidades.

Às colegas de curso, Bruna Luísa, Débora Nascimento, Pâmela Kayllane, Raquel Teodoro, Michele Anjos e Vanderleia Carvalho pelo apoio.

Aos amigos de trabalho que a vida me proporcionou, com diversos momentos de distração e risadas, para não enlouquecer.

E aqueles que não foram citados de forma direta, deixo aqui o meu sentimento de gratidão, pelos conselhos, risadas, broncas e apoio, as mensagens de força tornaram impulso para conseguir aquilo que parecia distante e incerto.

Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e

fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Livro *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 10-11).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar, por meio da análise do livro *Água de barreira* (2018) de Eliana Alves Cruz, as violências que perseguiram crianças e mulheres negras na época colonial e as formas pelas quais elas reinventavam suas culturas, através da resistência e reexistência, pautando, principalmente, a reversão daquele cenário cruel de maldades e apagamento cultural das pessoas negras, além de destacar a educação como única saída para essa realidade, libertando as próximas gerações desse jugo desumano. A análise literária está fundamentada em autores que já realizaram estudos sobre o livro, como Laís Fagundes (2023), Adriana Bastos (2022), Jéssica Carvalho (2023) e Lara Frias (2023), com o intuito de reforçar as críticas presentes nesta análise; o conceito de escrevivência assenta-se na própria criadora, Conceição Evaristo (2018), principalmente sobre a figura da mãe preta e a representação da coletividade em cada personagem; a discussão estabelecida sobre resistência e reexistência centra em Ana Lúcia Silva Souza (2011) e não menos importante, a abordagem sobre as violências está pautada em Genivaldo Cavalcanti (2022) e Grada Kilomba (2019), que relatam as subordinações às quais os escravizados eram expostos e os estereótipos criados sobre eles.

Palavras-chaves: Resistência. Mulheres negras. Violência sexual. Educação. Reexistência.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate, through the analysis of the book *Água de barrela* (2018) by Eliana Alves Cruz, the violence that persecuted Black children and women during the colonial period and the ways in which they reinvented their cultures through resistance and re-existence, focusing mainly on reversing that cruel scenario of wickedness and cultural erasure of Black people, as well as highlighting education as the only way out of this reality, liberating future generations from this inhuman yoke. The literary analysis is based on authors who have already conducted studies on the book, such as Laís Fagundes (2023), Adriana Bastos (2022), Jéssica Carvalho (2023) and Lara Frias (2023), in order to reinforce the criticisms present in this analysis; the concept of "escrevivência" a term coined by the author Conceição Evaristo (2018), is based on the author herself, mainly on the figure of the Black mother and the representation of collectivity in each character; The discussion on resistance and re-existence centers on Ana Lúcia Silva Souza (2011), and, equally important, the approach to violence is based on Genivaldo Cavalcanti (2022) and Grada Kilomba (2019), who describe the subordination to which enslaved people were exposed and the stereotypes created about them.

Keywords: Resistance. Black women. Sexual violence. Education. Re-existence.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo demostrar, a través del análisis del libro *Água de barrela* (2018) de Eliana Alves Cruz, las violencias que perseguían a los niños y las mujeres negras en la época colonial y las formas en que reinventaban sus culturas, a través de la resistencia y la reexistencia, basándose principalmente la reversión de ese cruel escenario de maldad y borrado cultural de las personas negras, además de destacar la educación como única salida a esa realidad, liberando a las próximas generaciones de ese yugo inhumano. El análisis literario se basa en autores que ya han realizado estudios sobre el libro, como Laís Fagundes (2023), Adriana Bastos (2022), Jéssica Carvalho (2023) y Lara Frias (2023), con el fin de reforzar las críticas presentes en este análisis; el concepto de «escrevivência» se basa en la propia creadora, Conceição Evaristo (2018), principalmente en la figura de la madre negra y la representación de la colectividad en cada personaje; la discusión establecida sobre la resistencia y la reexistencia se centra en Ana Lúcia Silva Souza (2011) y, no menos importante, el enfoque sobre la violencia se basa en Genivaldo Cavalcanti (2022) y Grada Kilomba (2019), que relatan las subordinaciones a las que estaban expuestos los esclavos y los estereotipos creados sobre ellos.

Palabras clave: Resistencia. Mujeres negras. Violencia sexual. Educación. Reexistencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fotografia 1-** Arvore genealógica que aparece na 2ª edição da obra Água de
barrela (2018) 20
- Fotografia 2-** Imagem de Damiana, em pé à esquerda, Martha, ao centro e uma
das filhas de Anacleto (possivelmente), à direita..... 23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O LADO OBSCURO DA HISTÓRIA	17
2.1 A FORÇA DA MULHER NEGRA EM 7 GERAÇÕES.....	19
3 CORPOS ROUBADOS.....	33
3.1 RESISTIR E REEXISTIR	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5 REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A literatura negra sempre esteve entre os principais focos das minhas escolhas para leitura. O interesse por este tipo de texto decorre da identificação de fatores proporcionados pelas narrativas e das semelhanças com personalidades e vivências, ou até mesmo pelo gosto das temáticas que denunciam questões sociais, causando revolta, principalmente diante da desigualdade e racismo estrutural.

Vale salientar que durante uma mesa online do “10º Colóquio do GPLR, 8ª Jornada do GPBIOH – Uma história feminina do Brasil: literatura e afro-brasilidade”, uma das participantes falava sobre o livro “Água de barrela” (2018) de Eliana Alves Cruz. Neste momento surgiu o interesse pela temática; ela destacava a importância de trabalhar aquela obra, porta-voz das personagens negras escravizadas, sendo uma narrativa diferente, na qual o negro aparece como centro da história, narrando os acontecimentos e não apenas em passagens.

O presente trabalho busca analisar como Eliana Alves Cruz esboça a resistência e reexistência de mulheres negras no romance “Água de barrela” (2018), perante as violências que perpassam seus corpos na época colonial e no período de abolição; e de que maneira a escrevivência aparece em cada uma dessas personagens negras como reflexo de representações coletivas.

Desse modo, a fundamentação teórica centra-se em alguns dos pesquisadores da obra: Adriana Bastos (2022), Jéssica Carvalho (2023), Laís Fagundes (2023) e Lara Frias (2023), para reforçar as críticas estabelecidas no romance. Ademais, Conceição Evaristo (2018) e Ana Lúcia Silva Souza (2011) são escritoras que sustentam as discussões deste trabalho sobre escrevivência, reexistência e resistência. Além disso, Grada Kilomba (2019) e Genivaldo Cavalcanti (2022) discorrem contra as violências e a imposição cultural forçada.

Diante disso, a escrita sobre essa temática foi ocasionada pela necessidade de falar das cenas sobre violências presentes na obra e abranger na pesquisa as violências enfrentadas por mulheres negras escravizadas, pessoas que tiveram seus corpos utilizados como se fossem objetos. E ao olhar para a sociedade, nos deparamos com o reflexo deste ato atualmente, defronte de um mundo avançado tecnologicamente, pensamentos machistas assombram e rompem com a vida de milhares de mulheres. Entretanto, as negras são as mais vulneráveis, elas enfrentam essa perseguição pela raça e por meio da sexualização, algo recorrente desde o período colonial, como Cruz (2018) mostra por meio de diversos capítulos ficcionais. Ao estar

nessa condição feminina, andar nas ruas com medo, sempre com desconfiança e alvo de “assobios e buzinas”, a temática tornou-se pertinente, porque temas tabus como este devem sempre estar presentes nas pesquisas.

Cruz (2018) traça essa resistência e reexistência, revelando a força da mulher negra. Quantas mulheres e crianças negras escravizadas sentiram seus corpos sendo invadidos e acabaram se isolando? Como resistir e o que seria reexistir sem liberdade? Essas perguntas serão respondidas ao longo do texto, com foco no contexto narrativo de Eliana Alves Cruz. Escrever sobre a resistência é entender e reconhecer que em diversos momentos essas mulheres estavam sangrando por dentro e precisaram continuar caminhando, pois quantas tataravós, bisavós, avós e mães tiveram que suportar dores e mesmo assim batalhar para que no futuro os seus não passassem por isso? Provocações como estas alimentaram o desejo de pesquisar a temática aqui presente.

Eliana Santana Alves Cruz nasceu em 1966, no Rio de Janeiro, é uma escritora negra contemporânea, que atua como chefe do Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos. Como escritora, vem se destacando na ficção, inicialmente com o romance *Água de barrela*, fruto de cinco anos de pesquisa sobre a história de sua família desde os tempos da escravidão. Em 2015, o livro foi contemplado em primeiro lugar no Prêmio Oliveira Silveira, concurso promovido pela Fundação Cultural Palmares, que o publicou no ano seguinte. Em 2016, Eliana Alves Cruz integrou a edição 39ª da série *Cadernos Negros*, com poemas de sua autoria. Outras escritas são: “O crime do Cais do Valongo” (2018), “A copa frondosa da árvore” (2019), “Nada digo de ti, que em ti não veja” (2020), “A vestida” (2021), “Solitária” (2022) e “Gênios da nossa gente” (2024) em coautoria com Estevão Ribeiro. As suas publicações são de diferentes editoras, como a Malê, Pallas, Companhia das Letras, Nandyala e Fundação Cultural Palmares.

O livro “*Água de barrela*” (2018) de Eliana Alves Cruz apresenta aspectos relevantes na literatura contemporânea e história brasileira da população negra, há diversos personagens negros, majoritariamente mulheres que encontram através do lavar, passar e cozinhar resistência para sobreviver diante do período escravagista até o século XX. O título “*Água de barrela*” remete a um produto que era utilizado pelas escravizadas para “branquear” as roupas dos senhores, um longo processo para deixar tudo limpo. De acordo com o dicionário Houaiss (2009, p. 262), barrela é “caldo coado de cinzas vegetais ou de soda, para clarear roupa; coada, decoada, lixívia”. Esse era um produto utilizado pelas pessoas que trabalhavam na casa grande dos senhores no Engenho Nossa Senhora da Natividade. O uso desse método para branquear as

roupas chega a ser uma metalinguagem, pois, na mesma proporção, os senhores de engenho queriam ver tudo branco, inclusive as pessoas, seja através da opressão ou da intolerância religiosa, tentavam impor a brancura.

A obra está dividida em três partes, as duas primeiras são intituladas “Martha e Adônis” e a terceira “Damiana e João Paulo”. O livro conta a história da família de Damiana, personagem central do enredo. A narrativa inicia com a comemoração do centenário dela em 1988, data que representa também os 100 anos de abolição da escravatura. E, como lembrança dos momentos passados, a história descreve os primeiros acontecimentos que resultaram na formação da família de Damiana, como a invasão de territórios africanos, na qual sequestraram pessoas africanas para o Brasil como escravizadas.

A invasão de Iseyin, pequena região do reino de Oió, localizado no continente africano, decorreu do sequestro de Akin-Sangokunle (Firmino), Gowon irmão de Akin e Ewà (Helena), que estava grávida e era esposa de Gowon. Durante a longa e cruel viagem, muitos, vítimas de violências sexuais, físicas e psicológicas, falecem como Gowon. Quando chegam ao engenho Nossa Senhora da Natividade, que ficava na cidade de São Félix, no Recôncavo baiano, recebem novos nomes de um padre. A partir daquele momento, Ewá e Akin seriam chamados de Helena e Firmino.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e bibliográfico e contém a análise da obra e interpretação crítica sobre a presença de mulheres negras no enredo da história, que estão inseridas e submersas nos afazeres domésticos como escravizadas. A discussão do romance “Água de barrela” (2018) foi desenvolvida a partir da seleção de alguns trechos retirados do livro, que evidenciam objetivo de pesquisa exposto neste trabalho e dialogam com os teóricos que compõem este corpus. A narrativa, predominantemente ficcional, será trabalhada com base na escrevivência, que tem como viés a representação coletiva de um povo, não cabendo neste momento discutir sobre literatura de testemunho.

Conceição Evaristo é conhecida pela abrangência de temáticas sobre a escrevivência, elencando inspiração para outras mulheres, ela destaca que esse termo surgiu da junção entre “escrever” e “viver”, “escrever-se vendo”, uma forma de “escrever vivências”, surgindo a palavra “escreviver”. Em seus textos, há diversos fatores que demonstram esse conceito, sendo a “Mãe preta” a inspiração para essas histórias de emoções fortes sobre as mulheres negras. A criadora do termo relata sobre a escrevivência:

[...] É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha [...] (Evaristo, 2020, p. 35).

De acordo com Carvalho (2023, p. 62), a noção de escrevivência pode ser traçada na obra de Eliana Alves Cruz como o desejo de conhecer a si própria através da história de seus ancestrais, tornando-se narradora e escritora da própria realidade, por meio de memórias familiares que refletem também vivências de outras famílias, principalmente negras.

Também considero que *Água de Barrela* envolve esse processo de escrevivência, em que as memórias de pessoas da família da autora são partilhadas por muitas outras famílias negras. Alguns personagens possuem nomes de parentes, como Anolina (Nunu), que aparece sendo filha de Damiana e neta de Anolina. Nunu tinha esquizofrenia na realidade e serviu de inspiração para Eliana Alves Cruz escrever esse livro. Na obra é destacada com confusão mental, entre acontecimentos passados e presentes, lembrando situações da história do povo negro que foram ocultadas nas informações oficiais brasileiras. Ela era considerada “louca”, mas em suas palavras havia denúncias sobre a exploração dos negros e as maneiras desumanas a que eram assujeitados.

Outro conceito, sustentáculo desta pesquisa, está ancorado em Ana Lúcia Silva Souza (2011), que descreve em sua tese “Letramentos de reexistência” a necessidade de reexistir em um mundo pautado em ideologias e centrado na cultura branca. Ela destaca a importância do hip hop como letramento, principalmente para o resgate de identidades e memórias dos povos negros, que não se sentem representados com as histórias que os colocam como inferiores e não apresentam os contextos de resistência. Percebe-se o carecimento de representações de personagens principais negros que apareçam como heróis, imperadores, figuras importantes, quebrando aquele modelo em que surgem apenas na condição de escravizados. Portanto, nas escolas, um espaço que recebe a diversidade de pessoas, vê-se a necessidade de começarem a colocar em prática o que está na (Lei 11.645 de 2008), que obriga o ensino de história afro-brasileira e indígena nos âmbitos educacionais da educação básica, presente na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB). Conforme Ana Lúcia Silva Souza (2011):

Letramentos de reexistência aqui será a reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e os rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. Para os *rappers*, a educação e a posse da

palavra são marcadas pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações (Souza, 2011, p. 37).

Cabe evidenciar que a narrativa do livro apresenta uma árvore genealógica do povo negro, desde a sua ancestralidade até o século XX, traçando uma relação com a história do Brasil, ou seja, uma reescrita diferente traçada no ambiente brasileiro, como as cidades do Recôncavo baiano (São Félix e Cachoeira), além de Salvador e do Rio de Janeiro, locais que foram marcados pela escravização na época colonial.

Este trabalho está dividido em duas seções, além da introdução e considerações finais. A primeira seção foca na história presente no romance, com a descrição do período escravagista e uma breve comparação com a história brasileira. Posteriormente, a análise das personagens, mulheres negras de uma mesma família, que estavam inseridas principalmente nos afazeres domésticos. Na última, há o destaque das cenas de violência e os caminhos de reexistência e resistência encontrados pelas personagens frente às adversidades.

2 O LADO OBSCURO DA HISTÓRIA

A autora faz a partir de sua escrita um percurso emblemático, misturando ficção com fatos e temas tocantes, nos quais muitas mulheres negras africanas foram sujeitas a um trato cruel na época colonial. Mesmo em pleno século XXI, deparamos com denúncias que ainda persistem na atualidade, como as violências sexuais e domésticas que aterrorizam diversas mulheres, majoritariamente negras.

O colonialismo deixou marcas e pensamentos etnocêntricos enraizados na sociedade que refletem na atualidade, de maneira negativa e preocupante. O pertencimento racial negro continua sendo alvo de ataque e da estratificação social que favorece a elite, deixando as pessoas que ficam às margens cada vez mais pobres e carentes. Carvalho (2023, p. 16) salienta que estamos inseridos em um contexto em que enxergamos um aumento frequente das violências e explorações, que conspiram contra as populações marginalizadas, revelando uma exaltação dessas práticas, um sistema que contribui para o extermínio de grupos, o famoso “genocídio”.

Raul (2016, p. 294) expõe que “O processo histórico de subordinação das mulheres negras firmou as bases da sociedade brasileira, seja enquanto trabalhadora escravizada, seja enquanto objeto de dominação masculina. [...]”, o gênero feminino da população negra é o mais

afetado em todos os sentidos, principalmente quando envolve profissão, reconhecimento, liberdade e empoderamento, isso não ocorre pela falta de capacidade, mas, pelo machismo e racismo, que colocam a figura da “mulher negra” apenas como objeto de satisfação e desejo. Segundo Laís Fagundes (2023):

[...]Eliana Alves Cruz “pare” suas ancestrais em sua escrita tirando-as do lugar da morte para o lugar da vida. Todo o romance é uma revisitação ao passado. Eliana dá protagonismo a pessoas escravizadas, empregadas domésticas, incluindo em sua escrita de autoria feminina, questões não só de gênero, como também de raça e classe social (Fagundes, 2023, p. 55).

A árvore genealógica da família de Cruz (2018) presente no livro reflete a memória de seus antepassados, trazendo a valorização das suas origens e o “repopoamento” que ocorre ao colocar a história de diversos personagens assimilando aos seus familiares, criando um cenário de acolhimento entre os menos favorecidos. Para Adriana Bastos (2022):

Eliana Cruz criou uma estrutura sociológica familiar, entrecortada pela história da escravidão na Bahia. Para a disposição dos acontecimentos há uma mistura de elementos ficcionais próprios do romance, outros de caráter fantasioso e místico, como as manifestações de pessoas já falecidas ou entidades religiosas como Xangô. Apresenta-se a estratégia narrativa jornalística com a apresentação de fatos, datas reais, personalidades históricas e imagens, como as fotos de alguns personagens. Todas essas estratégias apresentam para o leitor uma dinâmica que, hora o liga ao contexto histórico, ora o situa geograficamente, ora o deixa íntimo das personagens (Bastos, 2022, p. 61).

A narrativa apresenta trechos que demonstram o tráfico ilegal de escravizados acontecendo em território brasileiro, e mesmo havendo vigilância para “impedir”, os traficantes de escravizados sempre encontravam outros caminhos mais longos que não corriam tanto risco, exatamente porque havia muitas pessoas “influentes” envolvidas. A autora explana que:

Depois do breve período na praia desabitada, voltaram ao navio e no dia seguinte desembarcaram à noite, passaram a barcos menores e desceram na Praia-do-Chega-Nego. A essa altura, já não era tão fácil desembarcar escravos vindos da África. Ninguém respeitava a lei, mas também não se podia facilitar [...] (Cruz, 2018, p.29).

O romance inicialmente descreve todo o sofrimento das pessoas sequestradas, as formas desumanas que eram submetidas naquele navio que demorava meses para chegar ao destino final, como o Navio Negroiro (1880) de Castro Alves, que narra a crueldade, sofrimento dos africanos dentro daquele navio tumultuado, sujo e violento, além da contaminação de doenças

pela falta de higiene que não era adequada dentro daquele espaço. Eliana Alves Cruz (2018) destaca nesse romance a condição imposta aos africanos em alto mar:

Estavam alquebrados, com chagas, muito magros e vários bem doentes. Os 250 que embarcaram foram reduzidos a 200 na chegada. Passaram muito tempo deitados ou sentados, no escuro, acorrentados uns aos outros, suportando a pestilência do lugar insalubre. Além da rebeldia, uma diarreia se encarregou de levar muita gente para o fundo do oceano [...] (Cruz, 2018, p. 28).

Cavalcanti (2022, p. 552) relata que não é possível relacionar a quantidade de africanos orientais e norte-africanos que foram vendidos, estimativas apontam cerca de 3/4 dos escravizados morriam antes de chegar ao mercado onde seriam vendidos, devido à fome, doença ou exaustão por conta da longa viagem.

2.1 A FORÇA DA MULHER NEGRA EM 7 GERAÇÕES

As primeiras personagens femininas do livro são representadas como escravizadas, para descrever o cenário colonial, como ocorria com os trabalhos, que se concentravam em lavar, passar, quilar, cozinhar e ser cuidadoras dos filhos dos senhores, não tinham tempo para dar amparo às suas crianças, como o leite materno, algo essencial na vida delas, eram obrigadas a alimentar o bebê da Sinhá e os seus ficavam com o que sobrava. De acordo com Genivaldo Cavalcanti (2022):

Durante a escravidão, o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos das Sinhás eram uma forte condição de dominação do patriarcado e da hierarquia. Baseava-se em um modelo de dominação de classe, definido por critérios do bem e do mal, e as escravas negras, apesar de consideradas inferiores, eram pessoas que amamentavam os filhos de suas sinhás. As mulheres escravas que trabalhavam nas casas grandes podiam estar livres dos açoites, maus tratos dos trabalhos excessivos nas lavouras, mas não escapavam de certas humilhações dentro das casas de seus senhores, como violência sexual, ciúmes de suas sinhás que chegavam por muitas vezes mutilar seus corpos para deixarem feias para que não chamassem a atenção de seus senhores, como relata Gilberto Freire em seu livro *Casa Grande e Senzala* (Cavalcanti, 2022, p. 555).

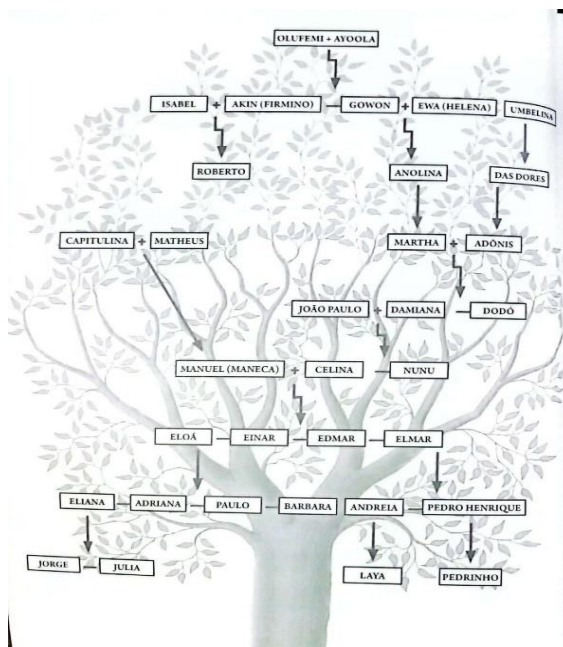
Percebemos aqui a figura da “mãe preta” que Conceição Evaristo destaca; mulheres negras impedidas de viver por completo a maternidade da sua própria prole, já que na colonização enfrentavam os trabalhos excessivos, pra além de realizar todos os afazeres domésticos, deveriam priorizar os patrões e seus filhos. Essa “mãe preta” é forçada a ser a “mãe” de filhos que não são seus e a deixar os próprios de lado, situação que lhe rouba esse

momento único das suas vidas. E mesmo realizando todas as ordens, o ataque de violência e a inferiorização eram frequentes, pois qualquer prato quebrado ou outro simples “erro”, a punição era severa, com tapas e porretes, sem direito de contestarem nada. Ewà aparece como sinônimo dessas punições dentro da casa dos senhores; uma xícara quebrada era motivo de violência:

[...] Ela se empenhou ao máximo para seguir os conselhos das novas amigas, mas nos dias finais da gravidez, sentia como se o corpo apenas caminhasse pela terra; parecia que não estava mais ligada a este mundo. Não esboçou reação com o tapa de mão cheia em seu rosto dado por sinhá Joanna, por conta de uma xícara que deixou quebrar. Também parecia uma estátua de granito quando a palmatória estalou em sua mão, castigo ainda pelo mesmo “grave” delito de ter quebrado uma xícara [...] (Cruz, 2018, p. 32).

Adentrando a árvore genealógica, os personagens aparecem de acordo com a cronologia existente na narrativa. A personagem principal surge no início com a comemoração do centenário e, depois desta parte, volta ao tempo. O romance passa a ser narrado pelos primeiros que formam essa família, os africanos, principalmente aqueles que foram sequestrados de seus territórios, personagens que representam a ancestralidade. Além disso, o surgimento de outras pessoas resulta em uma geração de sete mulheres do mesmo âmbito familiar, algumas fruto do estupro. Somente depois que nasce o primeiro homem, Eloá, neto de Damiana. Conforme exposto, a árvore genealógica representa a família de Eliana Alves Cruz, sendo completada com personagens fictícios e reais; algumas pessoas não aparecem na narrativa, como ela própria que está presente nessa genealogia:

Fotografia 1: Árvore genealógica que aparece na 2ª edição da obra *Água de barreira* (2018)



Essa árvore, que demonstra as relações existentes no livro, traz o reconhecimento da importância dos ancestrais. Os primeiros que aparecem nesta imagem, apenas no primeiro capítulo do livro, são os pais de Akin e Gowon, que representam o início da genealogia familiar. Na história, os pais deles são assassinados pelos sequestradores, o povo fulani. Vale destacar que o romance é narrado apenas até Eloá e seus irmãos, descrevendo as mudanças em suas vidas ocasionadas pela educação e esforços de seus antepassados. A parte maior fica centrada até as personagens Celina e Nunu, que são filhas de Damiana.

Eliana Alves Cruz cria a genealogia para montar a origem de sua família, valorizando o povo africano e deixando claro a mistura que o sistema escravocrata impôs. Embora tenha sido um fator negativo a escravização, os africanos sequestrados deixaram uma parte de si em cada território que passaram. Reconhecer que somos frutos dessas pessoas é valorizar a ancestralidade e a sua importância, para a construção de um mundo melhor.

De acordo com a cronologia presente na árvore e na narrativa, serão apresentadas aqui as personagens negras dessa geração de sete. A utilização dos nomes africanos daqueles que foram sequestrados é pertinente, pois ao chegarem no Brasil receberam novos nomes, uma tentativa de apagar suas identidades.

Ewà Oluwa é descrita como uma mulher que possui uma beleza natural e uma voz encantadora, era da região do Ketu da África. Durante o percurso até o Brasil foi violentada sexualmente, mesmo estando grávida. A sua gravidez foi resultado de uma água milagrosa, que seu esposo Gowon pegou no morro em Iseyin antes de serem sequestrados; a lenda dizia que a mulher que bebesse daquela água teria a fertilidade. Entretanto, a invasão e captura rompeu com planos e sonhos. Ewà, ao chegar no território brasileiro recebeu o nome de Helena e foi levada para trabalhar na casa da Sinhá Dona Joanna Maria da Natividade, porém, ao ganhar o bebê faleceu. O momento do parto é descrito como seu esforço final depois de ter atravessado alto mar:

[...] Cinco meses depois, em uma tarde de chuva fininha, Helena deu à luz uma menina e fechou os olhos para abri-los para sempre nos campos de Iseyin ao lado de Gowon Sangokunle. O parto foi o esforço final que conseguiu empregar depois de tudo o que passou até chegar ali. Ela se empenhou ao máximo para seguir os conselhos das novas amigas, mas nos finais da gravidez, sentia como se o corpo caminhasse pela terra; parecia que não estava mais ligada a este mundo [...] (Cruz, 2018, p. 32).

Em suma, Ewá que representa as diversas mulheres escravizadas, as situações drásticas presenciadas nas embarcações durante o trajeto, já que todos ficavam tumultuados em um único lugar: vivos e mortos, homens e mulheres, sem privacidade para realizarem as necessidades fisiológicas, vivenciando diversas cenas de violência.

Continuando a análise das personagens, Anolina (a bisavó de Anolina “Nunu”) era filha de Ewà e sobrinha de Akin, é exatamente por ela que ele vai lutar para sobreviver, nasceu na casa grande e desde nova começou a trabalhar e se destaca na cozinha. Durante o seu crescimento, ainda uma criança, utilizaram o seu corpo como se fosse um objeto, feita de “brinquedo humano” pelo filho do barão, é abusada sexualmente diversas vezes. Umbelina, uma senhora que já trabalhava na casa quando sua mãe chegou, cuidou dela e, sempre que era usada, lhe dava ervas para beber, a única opção que tinha para evitar uma gravidez indesejada.

Quando Eliana Alves Cruz destaca a personagem Anolina desde cedo na cozinha, ainda uma criança, denuncia o trabalho escravo infantil, que era bem recorrente nessa época e infelizmente, não deixou de existir atualmente. Muitas crianças são expostas ao trabalho desde cedo, vítimas da desigualdade social e da falta de amparo; as crianças negras ainda são as mais exploradas, seja pela necessidade de ajudarem em casa, ou porque a sociedade se aproveita da vulnerabilidade desses menores ao utilizá-los como mão de obra barata.

Os dados presentes na Revista *Afirmativa*, descritos por Catiane Pereira (2025, s/p), reforçam que: “O trabalho infantil voltou a crescer no Brasil em 2024, alcançando 1,65 milhão de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos. [...] A maior parte desse grupo é formado por crianças ou adolescentes negros, que representam 66% do total”. As estatísticas são alarmantes, visto que mais da metade dessas crianças são realmente negras. Entretanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Art. 60, proíbe o trabalho realizado por menores de 14 anos de idade; os adolescentes com 16 anos ou mais podem fazer parte do programa jovem aprendiz, com a carga horária reduzida, em vista de um adulto, sendo proibido no turno noturno. Porém, esse artigo não assegura a proteção das crianças menores de 14 anos, já que a desigualdade contribui para que este número de exploração continue subindo.

Inegavelmente, a escravização deixou diversas consequências às pessoas negras, já que até à atualidade sofrem violências, opressões, massacres, entre outras situações desumanas que provocam profunda desigualdade social. Nota-se que o sistema não mudou; ele se modernizou juntamente com as tecnologias. Dessa forma, as raízes desse período permanecem ocultas, mas avançam cada vez mais na sociedade atual, alimentando essa hierarquia e violação de direitos,

na qual as populações carentes sofrem pela falta de apoio e recebem apenas o que “sobra”, em contradição com a legislação vigente e com direitos básicos de um cidadão, como acesso de qualidade à escola, à moradia e ao lazer.

De acordo com o romance, a paternidade de Martha, filha de Anolina, não era ao certo conhecida, porque tem a possibilidade de Francisco, o abusador de sua mãe, ou de um escravizado com quem teve algumas relações. Ela trabalhou duro entre Cachoeira e Salvador, sempre querendo proporcionar o melhor que podia às filhas, acreditando que através da educação poderia conseguir tudo. Após a abolição, buscava conquistar seu espaço como uma mulher livre e independente trabalhando nas ruas, a busca pela independência impulsionou a sua coragem, o ato de olhar nos olhos da Iaiá (filha da Sinhá Joanna Natividade) para informar a sua mudança para Cachoeira, Bahia, algo que, à época do “cativeiro”, não era permitido encarar os seus senhores, e fazer isso poderia custar sua própria vida. O trecho a seguir demonstra o protagonismo e o desejo de alcance da liberdade da personagem Martha:

Martha mudou-se para a Rua da Cadeia, em Cachoeira, com as duas filhas. Ela foi até Iaiá Bandeira e comunicou seus novos planos. Como dizia Adônis, os lugares nunca mais seriam os mesmos e algo mudou no tom da conversa. Antes seria um sacrifício para ela enfrentar Iaiá para contrariá-la. Ela praticamente pediria permissão de olhos baixos e voz sumida. Desta vez, embora ensinada por Anolina a ser educada com todos, olhou-a de frente. Fez a proposta de auxiliar Isabel, que já estava ficando cansada, na lavagem da roupa em troca de pagamento (Cruz, 2018, p. 166).

Fotografia 2: Imagem de Damiana, em pé à esquerda, Martha, ao centro e uma das filhas de Anacleto (possivelmente), à direita.



Fonte: 2ª edição do livro *Água de barreira* (2018)

As mulheres presentes na imagem são as personagens Damiana, em pé à esquerda, a Martha, ao centro, e a outra pessoa, em pé à direita, é uma possível filha de Anacleto, que não aparece na história diretamente, apenas o seu pai. Na narrativa, depois de anos, Martha é representada como uma pessoa que trabalhou bastante para tentar mudar a situação da escravidão, no entanto, acaba ficando debilitada por excesso de trabalho. Na foto ela aparece sentada, como demonstração da debilitação ocasionada pelos muitos anos de serviços na casa da Sinhá e os de vendedora nas ruas.

Sobretudo, a ideia da educação como mudança surgiu a partir de Martha. Em um momento da história, criticam que ela está tentando se parecer com os brancos, comprando joias, planejando se mudar, em busca de viver uma vida diferente, mas ninguém imaginava que uma parte das joias seriam utilizadas para pagar a escola de sua neta Celina. Ainda por cima, Martha torna-se vendedora nas ruas, sente na pele as dificuldades e perseguição da polícia com pessoas inocentes, que estão em busca do pão para colocarem na mesa de suas famílias. Diante das ruas movimentadas da cidade, Martha presencia a perseguição em um espaço diferente da época colonial:

Paralelamente ao mundo dos grã-finos ex-senhores de escravos, Martha seguia no planeta chamado sobrevivência. Se nos últimos dias do século passado e nos primeiros anos do século XX a polícia acirrou sua repressão aos batuques, ganhadeiras e tudo mais que não consideravam civilizado[...] Martha escapou de apanhar gravemente em diversas ocasiões. As maltas dos meninos brigavam entre si por territórios e todos guerreavam contra a polícia [...] (Cruz, 2018, p. 200).

O trecho revela como era difícil o trabalho nas ruas. Antes, as pessoas negras eram perseguidas pelos seus senhores, considerados “donos” de humanos, ditando as regras e fazendo proibições, e caso alguém não obedecesse ou tentasse resistir, apanhava. Contudo, depois da abolição da escravatura a perseguição continuou, agora com policiais militares, que funcionam como ferramentas de opressão do Estado, utilizando a violência, principalmente física, como punição, inclusive para os inocentes perseguidos pela condição de raça e etnia.

Ademais, as religiões de matrizes africanas eram e ainda são vistas como negativas, o próprio nome do engenho e a imagem da santa no fundo da foto acima, deixa explícito a religião seguida pelos senhores e imposta aos escravizados, a católica. No entanto, Anacleto aparece como um “curador” na obra, pessoa que tinha conhecimento de ervas medicinais e contato com a espiritualidade, designada como “feiticeira” pelos brancos. Apesar disso, quando a varíola

assola o engenho e a casa grande, precisam dos seus conhecimentos para a obtenção da cura. O trecho abaixo narra este momento:

- Ô Belina, eu sei que tens um curandeiro. A escrava ficou sem jeito e um tanto apavorada. – Num é curandeiro, ele é ... – Foi interrompida por Joantina. – Não interessa o que seja – disse impaciente. – O fato é que sei que ele está ajudando muita gente a se livrar dessa doença terrível. Já ouvi muitos relatos até mesmo na cidade por algumas senhoras amigas. Traga-o aqui hoje à noite para ver meu marido depois que o padre e a dona Joanna forem se deitar. Eu estou lhe dando uma ordem, ouviu bem? (Cruz, 2018, p. 63).

Saberes, que foram desprezados e associados à feitiçaria, precisam ser recorridos na hora da “necessidade”. O mais impressionante é a maneira que acreditam que fazem essa “magia” por algo em troca: “[...] – Mas como não quer nada em troca? Vocês sempre querem alguma coisa. – A única coisa que quero, sinhó, é que me deixe cuidá dos meus santos. Eles só faz o bem ... e o sinhó tá de prova.” (Cruz, 2018, p. 64). Depois de receber os cuidados de Anacleto e ficar realmente curado, como ele não aceitou nada em troca, somente o pedido para que não fosse mais perseguido, conseguiu cuidar dos seus santos em uma casa simples, onde muitas pessoas frequentavam, inclusive senhoras acompanhadas de suas escravizadas, mas o racismo e discriminação continuavam na boca destas (senhoras brancas) que se diziam superiores e contra tudo e todos, inclusive “feitiçarias”.

Além disso, Damiana, personagem principal, nasceu depois da Lei do Ventre Livre (Lei nº 2.040, de 1871), que passou a considerar “liberto” quem nascesse após a sua promulgação. Mesmo que seus pais fossem escravizados, essas crianças tinham a liberdade “garantida”, entretanto, muitas pessoas nascidas após essa época foram escravizadas. Dasdô, a parteira, ao ajudar no nascimento de Damiana, celebra “Ocê tá chegando numa hora que vai sê mió pra todo mundo, pois se acabô o cativeiro. Sabe, tiquim, nenhuma lida, nenhuma luta é pior do que ter um dono — disse Dasdô, olhando para a chuva que insistia em cair abundante” (Cruz, 2018, p. 119). Com essa lei, acreditaram que a partir daquele momento ocorreria a mudança, todavia, Damiana, mesmo nascida “liberta”, sentiu em suas mãos o peso das muitas roupas dos brancos, lavadas na água de barrela, mas foi a primeira da família a conseguir entrar em uma escola de freiras para aprender a ler e a escrever. Contudo, pelo fato de ser negra e devido às poucas condições, teve que exercer trabalhos dentro da instituição e, depois de um tempo, foi obrigada a sair e trabalhar com afazeres domésticos para ajudar sua mãe nas despesas e garantir educação às filhas Celina e Nunu (Anolina).

Nesse sentido, a personagem Damiana continua em busca de consolidar o sonho de sua mãe, Martha, em ver sua família letrada. Ela se empenha para que seus filhos e netos possam ser alfabetizados, com o objetivo de que ninguém das próximas gerações de sua família precise servir os senhores brancos e ser humilhado por eles. O trecho abaixo descreve a resistência de Damiana na tentativa de realizar o sonho de ver a filha, Celina, na escola:

Pois eu vou lavar as privadas desses brancos, vou lavar louça, roupa, passar, engomar... Mas ninguém depois de mim vai fazer isso outra vez na minha família, está ouvindo bem? Ninguém! E isso vai começar com essa – e apontou para Celina, que ficou encolhida em um canto – E depois com a irmã e quem mais chegar. Já pra fora, Cecé – ordenou a mãe. A menina saiu rapidamente (Cruz, 2018, p. 243).

Nas primeiras páginas da obra, Damiana aparece relembrando o que tinha passado durante um século. Ela não imaginava que sobreviveria tempo suficiente para perceber que seus esforços e daquelas que vieram antes tinham sido válidos. A educação realmente foi uma arma poderosa para mudar a realidade de sua família, como netos, bisnetos, trinotos e até mesmo tataranetos, que não precisaram saber como era na prática o longo processo de lavagem de roupas dos brancos. Durante a comemoração de seu aniversário, em que seus familiares estavam reunidos, Damiana celebra a conquista da educação na vida de sua família:

A idade lhe parecia uma prisão em que a cada dia fechavam mais um cadeado nas grades da vida já tão limitada. Não se queixava. Tinha valido a pena atravessar o século. Tinha valido a pena guerrear. Tinha valido a pena, só para ver tanta claridade! Afinal, parecia que todas as lixívias que alvejaram as brancas roupas que lavara dos muitos brancos senhores por toda a vida se reuniram nas vestes dos que marcavam ali o seu centenário (Cruz, 2018, p. 15).

O processo doloroso que as mulheres negras eram submetidas, representa a garra e resistência que tiveram ao enfrentar os obstáculos e mesmo diante de provações, procuraram forças para reverterem as situações desagradáveis que as levavam à tortura, esforçando para que as próximas gerações de suas famílias não sentissem na pele o trabalho árduo e duro que os ancestrais passaram, destacando que a única saída que tinham era através da educação. Entretanto, a população negra e pobre não tinha facilidade de acesso ao ensino, exatamente porque os estudos proporcionam visão de mundo e isso pode descentralizar quem está no poder.

O trabalho excessivo e infantil começa descrito com Anolina e se estende até Maria da Glória, em um contexto que já havia a abolição da escravatura. Maria da Glória, conhecida

como Dodó, filha de Martha e Adônis, para manter Damiana no convento, com a finalidade de ser alfabetizada, precisou ser mantida na casa grande trabalhando ainda criança, porque a família dos Tosta (família dos senhores de engenho) tinha poder em mãos e, para aceitarem que a filha de uma mulher negra pobre estudasse, precisava receber algo em troca para facilitar a entrada da menina no convento. Cruz (2018) externa a situação de Dodó:

O dia para Maria da Glória começava às quatro e meia da manhã, quando despertava, fazia orações, higiene, vestia-se e ia para a cozinha preparar o mingau das meninas, o desjejum dos patrões e dar uma primeira conferida no que faltava na despensa. Depois ia para o quarto das crianças para despertá-las. Enquanto elas se vestiam, Dodó descia e arrumava a mesa. Durante o desjejum das três filhas, a negra subia para pegar o bebê com Maricota, que descia com Dr. Adolpho para o café [...] (Cruz, 2018, p. 239-240).

Afinal, Maria da Glória é escravizada no período que, conforme os dados oficiais, não existia mais essa exploração. A carga horária continuava extensa e os trabalhos eram muitos, ela era submetida à figura da “mãe preta” ainda na sua infância; negavam a visita de seus familiares, e em diversos momentos viajavam para que a menina não fosse localizada pela mãe.

Por outro lado, Celina, primogênita de Damiana e João Paulo, é a primeira pessoa da família que conseguiu uma formação, enfrentou muitos obstáculos, mas a conclusão foi exitosa. Entretanto, os seus primeiros trabalhos foram realizados longe da família, porque o início na profissão sempre é difícil a alocação perto de casa, principalmente para uma mulher negra, conforme a narrativa evidencia:

Em Jaguaquara, Celina dava aulas noturnas aos vaqueiros na sala da casa destinada a ela. Dividia as carteiras em grupos por grau de conhecimento. Separava os que possuíam algum grau de alfabetização dos que não sabiam nada. Era uma experiência nova para ela também e achava graça de como homens tão brutos, alguns já com idade avançada, acostumados a percorrer sertões e cuidar de animais de grande porte, tornavam-se crianças desajeitadas sentados em seus bancos escolares [...] (Cruz, 2018, p. 293).

A primeira formação concluída na família de Ewá foi a de professor, profissão essencial, apesar de desvalorizada pela sociedade. Quando a autora traça esse ponto, percebemos que a narrativa descreve essa falta de valor e apoio para aqueles que concluíram recentemente a formação, colocados também dentro de uma hierarquia divisória. Celina como mulher negra enfrenta o racismo estrutural, pois quando chega no seu primeiro local de trabalho não

acreditam que ela, pela condição de ser negra, teria uma profissão diferente daquela de serviços domésticos. O seguinte trecho deixa explícito a situação imposta a Celina:

[...] Atravessaram rios, desbravaram matos, e três dias depois chegavam a pequena cidade. Foram para uma pousada para descansar um pouco, e no dia seguinte bem cedo, estavam na porta da Fazenda Astrolina, do senhor Augusto Andrade de Carvalho. A filha do rico fazendeiro, Lezir, recebeu-as três mulheres e custou acreditar que Celina fosse a professora. – Uma professora negra e com a mãe? (Cruz, 2018, p. 272)

Em suma, o negro está exposto a ataques recorrentes pela cor da pele. Ao entrarem em lugares, que são frequentados majoritariamente pelos brancos e ricos, são “confundidos” com os funcionários da limpeza ou garçons do estabelecimento e, caso venha a ocorrer um roubo no momento, são os primeiros alvos de acusação. O racismo é realmente bem estruturado, pois a sociedade enxerga as pessoas pela raça e não pela capacidade e caráter, já que qualquer coisa que esteja relacionada à população negra é vista, normalmente, como “maléfica” para a sociedade. De acordo com Grada Kilomba (2019):

[...] O sujeito negro torna-se então tela de proteção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como meio de escapar dos mesmos (Kilomba, 2019, p. 37).

Outra personagem que merece atenção é Anolina (Nunu), filha de Damiana e João Paulo, que têm confusões mentais, e sua avó Martha acredita que, para ela se curar, é necessário ir ao candomblé. No entanto, sua mãe acaba impedindo por não acreditar, consequência do tempo em que estudou no convento de freiras e foi influenciada pelos preceitos cristãos a se distanciar da cultura dos seus antepassados. A personagem se assemelha com a tia da autora que era esquizofrênica e sendo uma das inspirações que fez Cruz (2018) escrever o romance. Dessa forma, a descrição de Nunu evidencia as suas atitudes recorrentes:

Nunu estava sempre calada, isolada. Gostava de ficar só, e várias vezes foi vista falando sozinha, como se estivesse cercada de pessoas invisíveis, de quimeras ou de anjos. Seus olhos reviraram buscando imagens no ar e seus braços esticavam para tocar o nada. Ria ou chorava, argumentava calma ou brigava ferozmente. Tudo num tom de voz baixo, como que falando para dentro [...] (Cruz, 2018, p. 242).

A personagem Nunu recebe o nome da sua bisavó, Anolina. Ao fazer uma breve relação com o poema “Vozes-mulheres” (2019) de Conceição Evaristo, “A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio ecoou lamentos de uma infância perdida. [...] A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome [...] (Evaristo, 2019, p. 10-11).”, percebemos que essa personagem reflete a ideia da poesia de ecoar vozes de suas ancestrais, principalmente as que tiveram seus sonhos interrompidos pelas violências. Nunu dá voz para aquelas que não conseguiram deixar o som das suas bocas transparecer tudo que passaram. Através dos gritos que consideram a personagem “louca”, os nós presos nas gargantas de sua tataravó, bisavó, avó e de muitas mulheres negras soltam, a voz dela liberta aquelas que foram oprimidas e silenciadas, pela escravização. O trecho relata as atitudes da personagem que eram vistas como “desequilíbrio”:

– Tome, Nunu, esta boneca é sua é sua filha. Ela parece com você. Pode ficar com ela. Mignon deu a Anolina a boneca mais feia que jamais vira, com cabelos ralos e ásperos, faltando um dos olhos e muito suja. Nunu não esboçou reação. Apenas pegou calmamente o brinquedo e o quebrou ali mesmo, sem pressa em muitos pedaços [...] (Cruz, 2018, p. 241).

Ao quebrar o brinquedo, a personagem esboça o desejo de muitos, quando são comparados aos bonecos mais feios ou sujos, somente pela cor da pele e traços fenóticos. Entretanto, o boneco era branco e quando Nunu despedaça o brinquedo, ela está tentando também quebrar este corpo branco que não é perfeito, mas privilegiado. Infelizmente, os marginalizados, pessoas pobres e negras enfrentam diferentes dificuldades para conseguirem sobreviver, diante de um mundo que segrega uma classe social pela condição de raça, despreza os conhecimentos e a importância dessas pessoas na formação da sociedade brasileira.

Por outro lado, no romance *Água de barreira* (2018), Umbelina e Dasdô são mãe e filha e elas ajudam essa geração de mulheres negras a não perderem sua cultura. Umbelina é a guardiã das tradições; ela ensina os conhecimentos das ervas e a valorização da cultura em rituais escondidos. As duas são como avós dessas mulheres e demonstram o cuidado e carinho por cada uma delas. A seguir, o trecho que deixa evidente o acolhimento de Umbelina a Anolina, filha de Ewá:

A jovem Umbelina achou que tinha uma obrigação a cumprir: dar seguimento à tradição. A mãe era de Ketu e, embora mal tivesse tido tempo de falar sobre o assunto, ela entendeu que o elo não poderia se romper. Ela mesma saíra da África já iniciada e tinha que se virar em três para ocultar das católicas

senhoras sua verdadeira fé. Assim que teve chance, com o auxílio do velho Urbano, de seu filho Anacleto e de vários outros, arrumaram um espaço (Cruz, 2018, p. 91)

Além disso, Dasdô é uma mão que sustenta e ajuda essas crianças e mulheres, principalmente nas horas do parto. Ela com seus saberes amparava no nascimento de ricos e pobres; a sua função nestes momentos era “reconhecida”, mas infelizmente não valorizada pelos senhores de engenho. A seguir, o trecho que retrata o momento do parto da personagem Martha:

- Dasdô! Dasdô do céu! Por Nossa Senhora, Dasdô! – correu chamando a amiga.
Maria das Dores se tornou aparadeira famosa. Tinha posto no mundo gente rica e pobre, gente branca e preta. O suor que começava a ensopar o rosto de Martha era gelado. A tempestade acontecia fora e dentro dela ao mesmo tempo [...] (Cruz, 2018, p. 110)

Cruz (2018) dá voz a essas mulheres negras que acabam se tornando protagonistas da própria história, demonstrando a força e a coragem de ir em busca de mudar esse viés de protagonismo presente na literatura. A autora descreve as vivências de cada personagem como representação coletiva das mulheres negras, que sobreviveram ao período escravocrata e às dificuldades enfrentadas nos pós abolição. Os detalhes da narrativa são ricos quando refletem o coletivo, pois as personagens não espelham somente as memórias pessoais e sim naquilo que aborda um conjunto.

Na imagem de Ewà, temos a simbolização das mulheres africanas sequestradas e violentadas dentro do navio, as dores de estarem indo para um território que não conheciam, o contato com uma língua diferente da sua e a necessidade de se adequarem ao desconhecido, para não morrer: “É hora de parar de reclamar e falar direito a língua deles. Se quiser viver e esquecer um pouco os dramas, se pegue com o trabalho e chega disso, Helena. Filha, isso é uma questão de viver ou morrer– disse Umbelina” (Cruz, 2018, p. 31). Não foi somente Ewà que passou por esses constrangimentos, mas todos aqueles que foram arrancados de seus territórios, além dos povos originários, que já estavam no Brasil quando os Portugueses invadiram o país, em busca de riquezas e destruíram a natureza. A escritora Jéssica Carvalho (2023), em sua tese relata:

Eliana Alves Cruz traça um caminho de vivências de mulheres negras desde a captura, sequestro e travessia atlântica, com Ewà Oluwa, passando pelas

violências coloniais com Anolina e Martha, até os movimentos de ascensão social com Damiana e Celina, quando a escritora passa a desenvolver aquilo que deu fôlego à sua produção intelectual e literária: o acesso à escolarização formal como meio de transformação das vidas dessas mulheres (Carvalho, 2023, p. 108).

Desse modo, Anolina (a bisavó) reflete as crianças negras que foram estupradas pelos senhores, seus filhos ou sobrinhos, acreditavam que as mulheres negras estavam ali para serem usadas quando sentissem vontade, como objetos sexuais. Essa personagem representa não apenas as crianças, mas todas as mulheres escravizadas. Infelizmente, esse ato violento que viola o direito ao próprio corpo, faz-se presente atualmente, muitas crianças, jovens e adolescentes foram e são vítimas de abuso sexual.

Vale destacar que a partir de Martha o cenário foca nas dificuldades de viverem no mundo pós abolição, e as necessidades de estratégias para trabalharem, porque o ganho era pouco e a carga horária continuava exaustiva, ou seja, um sistema que mudou apenas o contexto para dar a sensação dessa falsa “liberdade” para aqueles que viveram anos no cativeiro. Damiana representa bem essa liberdade ilusória, já que teve que renunciar aos estudos para ajudar a sua mãe dentro de casa com as despesas, e, mesmo conhecendo noções básicas de leitura e escrita, o único emprego que consegue é o de lavadeira, principalmente pela condição imposta às mulheres negras naquele período. Além disso, Maria da Glória, sua irmã, revive os afazeres sem fim na casa dos senhores, que nesta época são os netos, bisnetos, sobrinhos daqueles que foram os “donos” de Ewá, Anolina e Martha. Os privilégios herdados pelos descendentes das famílias escravocratas são denunciados no romance:

A corte do massapé, como qualquer outra na história da humanidade, fazia tudo para não deixar escapar nenhum mísero grão dos seus domínios para quem estivesse de fora do seu apertado círculo. Os nomes se repetiam de pai para filho, para sobrinho, para netos e bisnetos, de forma concêntrica e repetitiva, para que não pairasse nenhuma dúvida de que são todos da mesma parentela. As farinhas todas num mesmo saco brasonado (Cruz, 2018, p.33).

A concentração de poder e bens contribuía e contribui para o contraste social e o aumento da pobreza nas esferas vulneráveis. Enquanto o filho do rico se deslumbra e visita os melhores espaços, como escolas, museus, faculdades, shoppings etc., a criança pobre vivência a violência na favela e a perseguição policial, o mesmo mundo, com realidades e oportunidades diferentes.

Ademais, Celina representa as dificuldades encontradas pelas pessoas negras para conseguirem uma formação, além da falta de dinheiro, a perseguição tanto pela condição de gênero e raça, que influenciam nas oportunidades e permanência em uma faculdade; a desigualdade social e econômica contribui para que o acesso à educação de qualidade seja considerado um privilégio para poucos.

Como conclusão da discussão desta seção, o conceito de escrevivência se torna presente em cada personagem descrita na narrativa, porque as suas vidas refletem vivências de diversas mulheres negras silenciadas que carregaram e ainda carregam marcas que o tempo não apagou. Eliana Alves Cruz pensou em cada detalhe para descrever as personagens que saem de muitas histórias sem voz, para ecoar seus protagonismos aqui, com vivências que refletem as “outras” que lutaram e não foram reconhecidas, valorizando a figura negra e ancestral de muitas famílias que não tinham histórias que representassem e destacassem o povo marginalizado, como pessoas que não aceitam aquilo que lhe é imposto e utilizam meios adequados para saírem dessas zonas vulneráveis.

3 CORPOS ROUBADOS

Cruz (2018) não romantiza a violência sexual, pelo contrário, problematiza esse ato, mostrando o estrago causado na vida dessas mulheres, exatamente porque a sociedade tem o estereótipo sexualizado, machista e racista, que gera a insubmissão do gênero feminino, principalmente sobre da/do “mulata/o”. Sabemos que esse termo é pejorativo e está associado ao animal “mula”, entretanto utilizam-no para se referir à mulher negra ou homem negro.

O dicionário Houaiss (2009, p. 1328) traz que “mulata é substantivo feminino de mulato, refere-se a jumento, burro pequeno ainda novo, indivíduo cheio de manhas; inzoneiro, sonso”. Os/as negros/as sempre estiveram associados/as a animais, representando uma forma de racismo e discriminação, que ocorre há muitos séculos, como tentativa de diminuir a “capacidade” dessas pessoas, sempre as designando como “esquisitas” e os seus traços fenotípicos como motivo de gozação; essa animalização coloca o negro como uma pessoa não humana. Em contraste, Eliana Alves Cruz valoriza a beleza do povo negro, a africana Ewà é descrita pelo seu encanto, embora apareça sendo estuprada ao longo do trajeto no navio que traficava escravizados:

Ewà Oluwa possuía o encanto natural de jovem na flor da idade. Ia de cabeça baixa, remoendo a ferida da perna do amado que se transferia para dentro do seu peito. Os chefes da expedição, na primeira chance trataram de “se servir dela”, um por vez, ao longo do trajeto. Seria difícil para Akin tirar a recordação dolorosa da mente e a raiva do coração devido às lágrimas derramadas pela moça na primeira vez que um dos vigias do grupo, um mestiço, lhe apertou os seios como se estivesse testando o frescor de uma fruta na banca de um mercado. Ele a libertou das correntes e a levou para o leito do rio, à frente de todos [...] (Cruz, 2018, p. 14).

A violência sexual acontecia frequentemente nos navios que transportavam escravizados, já que estes não tinham direito ao próprio corpo e eram sujeitos a todo tipo de maus-tratos, e continuavam sendo torturados na casa grande e senzalas. Anolina, a filha de Ewà, cresceu na casa grande, sendo perseguida por Francisco, filho do barão (sobrinho dos Tostas), ao completar 13 anos, é “presenteado” com ela para ser utilizada como “objeto sexual”, designando o corpo feminino como um brinquedo que pode ser usado nos momentos de interesse, na qual, automaticamente retira a liberdade de expressão e possibilidade de defesa deste ambiente íntimo das mulheres. O trecho externa o abuso sexual com a personagem Anolina, a bisavó:

Os homens entraram no quarto e mostraram a Francisco o “presente”. Fizeram-na ficar de pé e tiraram sua camisola. Quando a peça de roupa caiu, ouviram-se aplausos, assobios e murmúrios. Ela fechou os olhos. Sentiu mãos apalpando-a em todas as partes íntimas. Os homens saíram para o cômodo anexo e deixaram Francisco a sós para desfrutar o “regalo” [...] (Cruz, 2018, p. 90).

Cruz (2018) descreve Anolina como vítima de violência sexual na infância, uma menina que acaba se isolando depois dos abusos recorrentes todas as noites, esse trauma a torna uma pessoa estressada, calada, o que, infelizmente, influenciou nas suas relações com pessoas, inclusive homens. A personagem Isabel, ao preparar Anolina para ser “abusada”, relembra o período que vivenciou esse ato em seu corpo, quando criança também foi estuprada, porque dentro daquele contexto era “normal” meninas escravizadas naquela idade começarem a ser utilizadas para o sexo, pelos senhores ou familiares deles que buscavam se satisfazerem. Assim, a autora descreve a aflição de Isabel ao preparar Anolina:

[...] Isabel chorava, enquanto untava o corpo da moça com um óleo cheiroso. Lembrava-se de quando fizeram o mesmo com ela, mas para um primo de Francisco. — Pare com isso, Isabé! A menina vai achar que isso é a morte! Num é pra tanto chororô! —E num é, dona Belina? —Num é não! Morte é o tronco, fia, a chibata, os ferro no pescoço... Se deitá com esse moleque feioso é fácil. Pensa nisso, Nolina (Cruz, 2018, p. 89).

Durante o período colonial, segundo Figueiredo e Santos (2022, p. 133), as crianças negras eram expostas, ainda que não houvesse essa compreensão na época, a todo tipo de violência. Crianças e adolescentes do sexo feminino foram exploradas sexualmente, tinham seus corpos invadidos por homens mais velhos como o Senhor do engenho ou pelos parentes deste. Na atualidade, a violência contra crianças ainda é persistente, as negras continuam sendo as principais vítimas de abusos e sofrem pela falta de assistência da sociedade, da família e até mesmo da escola.

De acordo com os dados presentes no site do Tribunal de Justiça da Paraíba (2025), “A cada 24 horas, 100 crianças sofrem violência sexual no país e 51% das vítimas abusadas têm até cinco anos de idade. As estatísticas também revelam que 45,5% das crianças são negras e 70% dos crimes acontecem em casa [...]”. Estes dados mostram que ambientes que deveriam ser de acolhimento e segurança, como as próprias casas de seus pais, se tornam cenário de terror

para essas menores, que tem suas infâncias roubadas, através da invasão de seus corpos. De acordo com Laís Fagundes (2023):

O sistema patriarcal tende a desautorizar os discursos das mulheres e das crianças. O conceito de infância sofreu diversas alterações ao longo da História, de modo que a visão que hoje temos sobre o que é ser criança e adolescente no Brasil se consolidou com o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 [...] (Fagundes, 2023, p. 68).

A pesquisadora Jéssica Carvalho (2023, p. 87) discorre que as violências em “Água de barreira” (2018), eram constantes, a senhora Joanna Natividade torturava homens e mulheres negras, qualquer ocorrido simples era motivo de irem para o tronco receber chibatadas, ela própria proferia tapas nos rostos das escravizadas, particularmente naquelas que trabalhavam em sua casa. As outras torturas eram realizadas a seu pedido pelos capatazes ou com a ajuda deles, como decepar a língua de uma escravizada que não estava rezando as orações cristãs, dar surra em uma outra porque sentia-se ofendida e ameaçada quando o seu filho tinha relações amorosas com uma da senzala, momentos nos quais eram submetidos a agressões em demonstrações de poder e aculturação, conforme o trecho:

Repita comigo, negra: “...Espelho de perfeição, sede da sabedoria, fonte de nossa alegria, vaso espiritual, tabernáculo da eterna glória, moradia consagrada a Deus!...” As lágrimas já escapavam o rosto de Felipa, mas ela seguia sem proferir palavra [...]. Estendeu a mão direita e o feitor depositou nela uma faca brilhante, grande e tão afiada que feria só por encostas. Num só golpe, ela cortou a língua da escrava. Enquanto o sangue jorrava e os homens se preocupavam em estancá-lo, a senhora continuou recitando, altiva, enquanto caminhava de volta a casa, com a saia manchada de vermelho, sob os olhares de pavor de alguns, choros contidos e ódio mal disfarçado de outros (Cruz, 2018, p. 39).

A personagem Felipa, que não faz parte da geração de 7 mulheres presentes no romance, aparece somente na primeira parte do livro como sinônimo de resistência contra a aculturação que tentavam lhe impor. Por conta disso, mutilaram-na por não falar as palavras que eram ordenadas durante um ritual religioso católico.

Afinal, a religião católica era imposta desde o início e o próprio nome do engenho marca bem essa imposição: “Engenho Nossa Senhora da Natividade”. Saliento que as religiões não representam a maldade, uma vez que os maus são aqueles que utilizaram da fé como mecanismo para atacar as pessoas negras, de forma violenta, conforme é possível observar em alguns trechos da obra, que marcam bem a intolerância religiosa e a alteridade negativa.

O emudecimento representa a busca de silenciar a cultura, religião, crenças do outro, uma maneira de fazer prevalecer uma única ideia, que coloca o pensamento de outras pessoas como inferiores ao que “eu” penso, cabendo a ele esquecer o que acredita e seguir aquilo que é propagado como verdade, sem direito a questionamentos e opiniões, ou seja, isso é opressão contra um povo e sua cultura, resultado do etnocentrismo. Segundo Grada Kilomba (2019):

A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/ os brancas/os querem - e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado (Kilomba, 2019, p. 33-34).

Sob o mesmo ponto de vista, Amância também é descrita brevemente para demonstrar a crueldade da sinhá com as escravizadas, principalmente quando esta sentia-se ameaçada por ter algum filho apaixonado por uma escravizada, fazia de tudo para separá-los, causando até mesmo a morte de um neto, fruto dessa relação. Inclusive, tinha em mente aquela ideia da “eugenia”, não queria seu sangue misturado com o de escravizados. Amância é violentada a pedido de Dona Joanna Natividade e acaba abortando o filho que estava esperando e depois falece, segundo a narrativa:

Isso já estava nos planos, mas tratou de arrumar rápido para que Manuel partisse para estudos na Europa e bastou o rapaz dar o primeiro passo para fora do engenho para que a mãe mandasse dar uma surra sem precedentes na negra. Amância abortou e, não passaram muitos dias, foi encontrar o filho não nascido no outro mundo [...] (Cruz, 2018, p. 37).

A ideia do ataque ao próximo como sinônimo de poder é uma herança deixada pelos europeus, que sempre utilizavam esse ato para conseguirem aquilo que desejavam. O que impressiona são os maus tratos impostos às pessoas do mesmo gênero, pois a sinhá Joanna Natividade é uma opressora branca e não se comovia em mandar matar ou agredir outras mulheres, somente pela diferença da cor da pele e a situação da escravidão, que foram os próprios brancos que criaram. Em vista disso, o que traz espanto é se deparar com situações de agressividade contra as mulheres ainda persistirem no país, com leis que “asseguram” essa proteção, conforme a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006:

[...]foram criados mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra

as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (Brasil, 2006, s/p).

Embora alguns processos de combater à violência contra mulheres foram criados, como a lei Maria da Penha, que passou a existir somente depois de muitas lutas, vidas interrompidas e sangue derramado, em busca de proteção e pela vulnerabilidade existente das mulheres negras e pobres, perseguidas e prejudicadas pela desigualdade social e racial. No entanto, muitas vítimas continuam sendo injustiçadas, mesmo realizando a denúncia, alguns agressores não recebem punições, preferencialmente se forem ricos, a culpa acaba recaindo sobre a mulher, contribuindo para que o pensamento patriarcal, de domínio sobre o corpo feminino, continue existindo. Em consonância com Laís Fagundes (2023):

[...] O estupro, praticado por quem quer que seja e a quem quer que seja, deve ser extinto e jamais visto de forma romantizada, ou ainda, como ato vexatório às vítimas. Mas sim como prática criminosa, hostil cuja culpa recai sobre os agressores e jamais sobre as vítimas (Fagundes, 2023, p. 56).

As mulheres negras são as maiores vítimas de feminicídio. As mulheres brancas também são alvo de violências perpetradas por homens, mas em menor quantidade, pois, dentro de sua classe social, estão mais protegidas. Em relação àquelas que vivem na periferia, muitas precisam frequentar locais de alto risco de perseguição e não possuem apoio adequado caso precisem de ajuda. O site da CNN Brasil (2024, s/p) expõe:

[...] Dados do Sistema Nacional de Segurança Pública (Sinesp) mostram que, entre as mulheres vítimas de violência sexual cujas ocorrências policiais incluíam o registro de cor/raça, 62% eram pretas ou pardas. E dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) indicam que entre as 3.373 mulheres assassinadas em 2022, cujas informações de raça e cor foram registradas, 67% eram negras (2.276) (CNN Brasil, 2024, s/p).

Estamos rodeados de meios tecnológicos que favorecem a disseminação de informação e denúncias, entretanto a sociedade ainda carrega pensamentos racistas, sexistas e machistas; no senso comum, existe a crença de que a maneira como a mulher se veste diz sobre o que ela é e o que ela quer, como se as vítimas pedissem para serem estupradas e mortas. A sociedade coloca o tema da sexualidade como um “tabu”, exatamente para que as informações não

cheguem em todos, e os abusadores continuem soltos sem a devida punição. Na obra de Cruz (2018) é possível perceber diversas cenas de violência sexual, que repercutem na vida das abusadas, como o seguinte parágrafo:

Ela fazia força na direção oposta. Quando a obrigou a descer um barranco, pois pretendia possuí-la na beira do rio, caíram os dois rolando. Ele a possuiu, mesmo desacordada, e saiu correndo cambaleante pela margem. Quando as lavadeiras a encontraram pela manhã, estava com a saia ensanguentada. Levada de volta à senzala, Umbelina e Dasdô atestam. — Ela perdeu a criança! (Cruz, 2018, p. 72).

O trecho descreve uma situação semelhante à ocorrida com Ewà Oluwa, dentro do navio, que traficava pessoas para serem escravizados. Ewà mesmo grávida foi estuprada na frente de todos. Entretanto, não perdeu a criança, diferente do que ocorreu com a escravizada Isabel. Essa personagem teve seu corpo atacado na infância como Anolina, e, ainda jovem e grávida, é violentada novamente, mas dessa vez pelo capataz do engenho. Pela condição de mulher negra tende a continuar sendo alvo de perseguição do capataz e dos senhores.

A personagem Anolina a bisavó sentia na pele o peso de ser uma criança negra. Francisco, que reproduzia o que seus pais faziam com as pessoas negras, acreditava ter domínio sobre o corpo de Anolina, usando de violência física, como se ela fosse um saco de pancada. A família de Francisco se divertia com as ações do menino, massacrando os negros, já que ninguém o corrigia pela falta de respeito e educação. Consequentemente, as crianças tendem a reproduzir aquilo que elas veem seus pais fazendo, se moram em um contexto violento a tendência é que eles façam da mesma forma com as outras pessoas, contribuindo para que essa disseminação de ódio e opressão continue nas próximas gerações, já que esses atos se tornam heranças entre familiares, principalmente os menores, que costumam ter na figura dos pais um exemplo a ser seguido. O trecho seguinte expõe a atitude de Francisco:

[...] O filho do barão estava crescendo, ele era pouca coisa mais novo e ela bem poderia ser seu primeiro “brinquedo humano”. De certa forma, ela já era parte de seu divertimento, pois entre suas muitas tarefas na casa, uma era a de brincar com o pequeno Francisco, que não se constrangia em mordê-la, esbofeteá-la e reproduzir com ela o que via no tratamento dos pais, avós e tios aos negros. Certa vez, o menino cortou com uma faca as tranças de Anolina, que já estavam bem grandes e grossas, pois queria que ela parecesse um garoto. Isabel, quando viu o moleque com a faca enorme e afiada em uma das mãos e o cabelo da menina em outra, não conseguiu reprimir o grito. O barulho chamou a atenção de dona Carolina, que descansava, por estar com uma forte

dor de cabeça. Irritada, a sinhá bateu violentamente em Isabel (Cruz, 2018, p. 87).

Estamos inseridos em um mundo de opressores escondidos, que trazem em suas defesas discursos da igualdade e proteção coletiva, porém, em suas atitudes demonstram o contrário. Em *Água de barreira* (2018), a personagem Nunu destaca durante o funeral de Dodó, ao ver a família dos Tosta presente fingindo sentimentos “[...] Vocês são uma gente ruim metida a boa gente” (Cruz, 2018, p. 294), a fala de Anolina (Nunu), expõe o ato de coragem e a recusa de permanecer calada e submissa as atitudes dos senhores brancos, pessoas que tinham e ainda têm poder em mãos.

3.1 RESISTIR E REEXISTIR

A resistência¹ à violência ocorre em “*Água de barreira*” (2018) de diversas maneiras. A autora faz a junção de diferentes pontos negativos, que exigem a necessidade de continuar “sobrevivendo”, como após serem violentados todos os dias e sujeitos a submissão política e cultural, essas são ocasiões de que é preciso resistir e ao mesmo tempo reexistir² dentro daquele contexto cheio de conflitos. Assim, a principal resistência presente no romance é o silêncio dessas personagens que são subordinadas e obrigadas a serem “sacos de pancadas” ou “brinquedos sexuais”; o silenciamento não representa fraqueza, e sim um grito interno pelo desejo de verem-se livres daquele cenário.

Cruz (2018) não descreve essas mulheres como pessoas que aceitam o que estavam vivendo, mas como seres fortes e guerreiras que transformam a união entre elas em um vínculo familiar, que gera forças e proteção para lutarem contra toda aquela repressão. As personagens femininas negras aparecem como protagonistas e responsáveis pela inversão da situação escravocrata e, valorização da memória e cultura de seus ancestrais.

Como visto na primeira seção, Umbelina representa uma protetora das culturas de matrizes africanas, afinal, ela cuida dessa geração de mulheres, principalmente para que não deixem as crenças do outro sobreporem a sua. Com confiança e união, essas mulheres atravessam o período da escravidão até a promulgação da Lei Áurea (Lei nº 3.353 de 13 de

¹ Resistência é resistir, suportar uma dor ou processo que tentam lhe impor.

² Reexistência é reexistir em um contexto diferente e reinventar-se diante das opressões, ideologias e identidades que não representam o coletivo.

maio de 1888). Esta lei que declarou extinta a escravidão no Brasil, embora ainda ocorresse em diversos locais trabalhos forçados, demorando mais tempo para “desaparecer”. Além disso, as pessoas, que estiveram em cativeiro e se depararam com diversos obstáculos, começaram a reconstruir suas vidas mesmo sem qualquer apoio do Estado. Segundo Lara Frias (2023):

[...]No território brasileiro os quilombos, se formaram através da memória coletiva e da preservação cultural encabeçadas por mulheres negras, que permitiu que ocorresse a preservação e manutenção das identidades das populações africanas e afro-americanas. Por essa razão, a valorização do protagonismo das mulheres negras, principalmente dentro das comunidades, dos terreiros religiosos afro-americanos, das expressões culturais como o maracatu, o samba, a capoeira, os jongos, a folia de reis, as rodas de dança, é de extrema importância, assim como suas estratégias de resistência e de preservação das memórias, tradições e vivências, bem como a passagem desses conhecimentos em diante, transformando narrativas e mudando realidades até os dias de hoje [...] (Frias, 2023, p. 67).

A maneira que Anolina, a bisavó encontrava para resistir, diante da violência sexual, era através de ervas para evitar uma gravidez indesejada, o que lhe causaria mais tortura, além de ser apenas uma criança, porém, nessa época não havia uma consciência do que representava a infância e as escravizadas tinham filhos nessa fase, muitos eram frutos do estupro. Sempre, ao ser abusada, logo pela manhã bebia os remédios que Umbelina preparava. Em um certo momento, é impedida de beber, pois dentro dos rituais que realizavam escondidos, receberam uma mensagem de Xangô³, o bebê que ela geraria seria a próxima guardiã dessa família, que assim como Akin, batalharia pela liberdade, confocorme o trecho seguinte retrata:

[...] Até que outra vez a regra faltou, só que agora Umbelina estava atenta, e antes que ela tomasse outra decisão sem pensar direito, correu para consultar os orixás. Quando obteve uma resposta, disse a ela com firmeza — Anu, ocê num pode tirá essa que tá aí dentro. Xangô que pulou na frente e tá dizendo que não! (Cruz, 2018, p. 102).

Outra forma de resistência, encontrada por Anolina, era frequentar os rituais da religião em que sua mãe Ewà era iniciada. Esses momentos foram de refúgio para esta que se encontrava amargurada pela situação que lhe era imposta todas as noites. A espiritualidade trouxe conforto para as situações delicadas na vida dessas crianças e mulheres negras, que reexistem após terem seus corpos invadidos e precisarem continuar na luta, porque dentro delas ainda havia a esperança da liberdade e justiça, como descrito a seguir:

³ Xangô é o orixá da justiça, dos trovões e do fogo, cultuado nas religiões de matrizes africanas.

Agora, nesse ponto delicado da vida, chegara o momento de intensificar essa relação. Anolina estava perdida, se afogando na mágoa por ter descoberto o objeto que sempre fora. Por vários domingos seguidos, retornou com Dasdô, Umbelina e Firmino ao terreiro. Foi uma longa jornada, que teve que ser feita aos pedaços, pois não podiam se ausentar do engenho por longos períodos, mas que resultou em mais união entre eles e num sentido para suportar tantas provas em uma só vida (Cruz, 2018, p. 92).

As mulheres negras dessas sete gerações sobreviveram sem apoio de companheiros. A independência marca a trajetória delas, que tiveram que se reinventar diversas vezes para conseguir sobreviver; o único apoio masculino era de Akin, que representava a figura de tio e guardião. Dentro dessa família, havia os guardiões: primeiro foi Gowon e, depois de sua morte, o fio de contas de Xangô, que aparece como amuleto, ficou com Akin e este recebeu as ordens para que fosse repassado para Martha, que seria a próxima guardiã. Esse objeto religioso atravessou décadas, como símbolo de fé e resistência. Ademais, em um episódio da convivência de Damiana e João Paulo, há inversão de papéis do que seria os verdadeiros “homens da casa”, em que as mulheres negras que assumem o papel que foi “atribuído” ao homem. Diante disso, o parágrafo relata a independência dessas mulheres:

- João? Por onde tu andou, homem? Agora é todo dia isso? – E mulhé por acaso pode fala assim com o marido? – a voz se arrastava, o olho revirava. – A mulher fala assim com o marido quando é ela o verdadeiro homem da casa! – O que é que tu me diz, Damiana? – É isso mesmo que o senhor ouviu! Eu e mainha. Eu e mainha somos mais homem que vosmicê [...] (Cruz, 2018, p. 234).

Em diversos momentos, Xangô aparece nos chamados de socorro dessas mulheres e de Akin. Desse modo, notamos, em diversas partes do livro “Água de barreira” (2018), a sinalização de que ele fará justiça, já que é uma entidade presente nas necessidades, conhecido como justiceiro, “[...] Como Dasdô ordenava, pôs o joelho no chão e gritou para o alto: — Eparrei Oyá! Kaô kabiecilê, Xangô! Vosmicês que são guerreiros, ajuda a vencê essa demanda. Ajuda a...[...]” (Cruz, 2018, p.118). Esse pedido de ajuda, que ocorre durante a dificuldade do parto de Martha, com o nascimento de Damiana, é um apego à espiritualidade para ajudar nesse momento delicado, como em outras situações quando são torturados por aqueles que diziam serem seus “donos”. Segundo Lara Frias (2023):

A memória e as religiões de matriz africanas têm, conjuntamente, um importante papel na resistência dos povos escravizados, não só no Brasil, mas em toda América, pois, assim como surgiu o Candomblé, em território brasileiro, com as diferentes nações: jeje, angola, congo, nagô - a Umbanda, as religiões afro-indígenas; também aconteceu em Cuba, com a Santeria; no Haiti com o Voodoo/Vodu; entre outras diversas religiões que foram reorganizadas na América, chamadas religiões afro-americanas [...] (Frias, 2023, p. 31).

A resistência à opressão acontecia dentro do engenho, pois havia aqueles escravizados que, de maneira totalmente “escondida”, procuravam realizar seus ritos religiosos e culturais sem que os senhores percebessem, não deixando serem dominados pela imposição forçada da cultura do outro que estava com o poder nas mãos, “[...] Descobriu que Umbelina vinha de Ketu como ela, tinha conhecimentos amplos da religião, que cultuava em segredo no engenho e que até conhecia pessoas em comum na África. [...]” (Cruz, 2018, p.30). Vale destacar, que Umbelina e Dasdô representam a valorização e o reconhecimento de suas raízes, não deixam a vontade dos brancos de catequizá-las distanciar de suas religiões, que era demonizada por eles, contribuindo para a união e preservação de suas crenças com os demais. De acordo com Ana Lúcia Silva Souza (2011):

As múltiplas configurações que a cultura africana negra toma quando fora do continente africano são importantes, pois asseveram que as pessoas, ao serem deslocadas das Áfricas e ao entrarem em contato com o outro sujeito social - as culturas asiáticas e europeias, são impelidas a lidar com estranhas e aviltantes realidade e, diante disso, obrigadas a criar um conjunto de artifícios com vistas a sustentar a vida na dinâmica cotidiana. Ao longo do tempo, as produções culturais negras, “culturas de resistências”, antes de serem entendidas em sua “pureza”, como manutenção ou retorno às tradições ou legados da “África”, são produções híbridas, nascidas nos intercruzamentos de culturas, como combinações de transgressões, submissões, negociações, interdições, trocas, rupturas e subversões (Souza, 2011, p. 41).

A imposição de preceitos religiosos cristãos aos escravizados, que chegavam ao território brasileiro fazia presente no país, como a submissão da troca de nomes e a proibição de praticar seus rituais, obrigados a seguir o “credo” dos senhores, na maioria das vezes esses nomes eram ligados a santos católicos, para deixar enfatizado a presença forte da catequização cristã que desprezava as outras religiões existentes. Essa aculturação era imposta desde a chegada em território brasileiro, conforme descrito:

Subiu a bordo um homem vestido de negro até os pés falando palavras estranhas e salpicando água em cada um deles. Foi dizendo seus novos nomes.

Ele sabia que Akin Sangokunle era o mesmo que “menino corajoso que luta pelo que quer e se ajoelha diante de Xangô”. Firmino...O que significaria? (Cruz, 2018, p. 26).

A troca de nomes representa a perda de identidade que refletia na cultura, língua e apagamento de suas histórias, na qual eram submetidos a aprenderem uma nova língua, ser catequizados, seguindo dessa forma a religião dos senhores, que a partir daquele momento seriam seus donos, sujeitos a perda total da liberdade que possuíam no país de origem. Entretanto, não houve conformidade em permanecer naquela situação. Damiana, a personagem principal, comemora seu centenário demonstrando que mesmo com tanto sofrimento, conseguiram livrar as próximas gerações de sua família que reflete a de muitos, desse “trabalho” árduo e violento. O trecho a seguir relata essa realização:

A idade lhe parecia uma prisão em que a cada dia fechavam mais um cadeado nas grades da vida já tão limitada. Não se queixava. Tinha valido a pena, só para ver tanta claridade! Afinal, parecia que todas as lixívias que alvejaram as brancas roupas que lavara dos muitos brancos senhores por toda a vida se reuniram nas vestes dos que marcaram ali o seu centenário (Cruz, 2018, p.15).

Essa claridade, mencionada pela personagem, é sobre as pessoas que têm acesso à educação e obtém uma formação profissional, uma vez que apenas os filhos dos senhores conseguiam ter ensino superior, mas, depois de muita luta, as pessoas negras também desfrutaram da sensação de vestirem esses jalecos brancos, porém, infelizmente o privilégio que os brancos recebem, não é concedido aos negros, ou seja, a condição racial os persegue. Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg, no livro “O lugar de negro” (2022) apregoa que:

[...] O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc. até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar do natural do negro é o oposto, evidentemente. Da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (Gonzalez, Hasenbalg, 2022, p. 22).

Embora estejamos em um tempo moderno, a desigualdade ainda continua, as pessoas marginalizadas estão às margens da sociedade. Na obra, a educação aparece como porta de mudança da realidade, através de mecanismos educacionais, mesmo com obstáculos que

envolvem questões financeiras, principalmente, pessoas negras, pobres, os considerados marginais, conseguem alguma formação e buscam melhorar suas vidas e de seus familiares. Entretanto, durante todo esse percurso, muitos acabam desistindo por conta das condições de vida que são muito baixas e precisam escolher entre estudar ou trabalhar, pois, o apoio que essas populações recebem ainda é muito precário, propiciando que a vulnerabilidade aumente. Conforme Ana Lúcia Silva Souza (2011):

A escolarização era vista, por uma parte da população negra, em especial nas cidades, como possibilidade de ascensão social e profissional. No entanto, ainda que valorizado, não raramente o espaço escolar mostrou-se lugar de exclusões e cerceamentos enfrentados pelas famílias: por vezes a permanência sofrida, por vezes o abandono. Ainda que o distanciamento da escola fosse motivado por questões objetivas, como a necessidade de trabalhar, algumas famílias tiravam, ou nem chegavam a matricular seus filhos, diante da impossibilidade de atender às exigências que, conforme documentos escolares da época, incluíam “vestimentas adequadas; presença de um adulto responsável para realizar matrícula; além de necessidades de adquirir material escolar e merenda”. Se não fossem atendidos, esses requisitos resultavam em constrangimentos e abandonos (Souza, 2011, p. 38).

Sobretudo, o trabalho de lavadeira requer esforço e cuidado, mas infelizmente a profissão não recebe o reconhecimento como deveria. No romance, durante a peste que assolou o Engenho Nossa Senhora da Natividade, as escravizadas foram obrigadas a continuarem lidando com a lavagem de roupas. Vulneráveis à contaminação, algumas acabaram contraindo a varíola; foram poucas que saíram ilesas, podemos observar no seguinte trecho:

Os dias ficaram ainda mais sombrios. As lavadeiras eram um grupo muito vulnerável à doença, que a essa altura não assolava apenas Cachoeira, mas o país todo. Elas lidavam com roupas sujas, com restos infectados. Do grupo de sete mulheres que lavava roupas com Isabel, quatro já estavam doentes [...] (Cruz, 2018, p. 59).

A autora destaca que somente na morte todos se igualam, já que a peste levou muitas pessoas, principalmente os da senzala, entretanto, alguns da casa grande não escaparam de serem infectados e, diante da necessidade, como citado na primeira sessão, pediram a escravizada Umbelina que chamasse um “curandeiro”.

Deste modo, as ervas aparecem aqui como o poder de resistir, já que eram utilizadas nesse contexto para a cura da doença. Esses conhecimentos serviram até mesmo para os brancos, que, pelo medo da morte, reconheceram os saberes ancestrais de matrizes africanas naquele momento, porém definiam esses conhecimentos como “magia”. Ou seja, utilizavam e

sabiam de sua eficácia e que não eram e nem são “feitiçaria”, como eles próprios propagam. Entretanto, não os valorizavam; somente recorreriam a eles nos momentos de necessidade e nos outros momentos disseminavam discursos de ódio sobre os saberes ancestrais africanos.

O sincretismo religioso aparece na obra. O ato de praticar e cultuar as religiões de matrizes africanas durante a escravidão era algo perigoso que poderia levar à morte, então utilizavam essa relação de santos católicos com os orixás, que resultava nessa mistura de preceitos religiosos que enriquecem a cultura brasileira, métodos utilizados pelos africanos que refletem a resistência contra a violência religiosa e psicológica, representada pelos personagens. O trecho seguinte evidencia o sincretismo:

[...] Uma hora mais tarde, o Padre Vieira Tosta — mais um deles —, em um elegante traje de linho, seguido por quatro negros que carregavam a pesada imagem de Nossa Senhora em um andor, conduziu a procissão que levou a santa novinha em folha, encomendada a um famoso artista de Salvador, do salão principal do sobrado até à capela, uma construção anexa toda caiada de branco e decorada com muitas flores amareladas. Isabel, enfileirada no final da procissão junto com os outros empregados, sussurrava para Martha que vinha ao lado: “Mamãe Oxum... Yê Yê Ô!” (Cruz, 2018, p. 153).

Outrossim, as personagens que não eram alfabetizadas, como Martha, detinham saberes adquiridos com as experiências de vida e com algumas oportunidades que surgiam, como a escuta de conversas na casa grande. Ela percebe que precisa estar atenta a qualquer tipo de informação. Os trabalhos nas ruas requerem conhecimentos matemáticos e o destaque nas vendas é o resultado dos aprendizados conquistados pela esperteza e estratégia, conforme podemos observar no trecho a seguir:

[...] Percebeu uma coisa que a deixou orgulhosa: viu que conhecia mais coisas que a “sinhazinha” e que graças a Adônis, tinha uma cultura bastante razoável para uma filha de gente tão simples. Sua habilidade com os números impressionava a patroinha, que a olhava com atração circense, pois no fundo Maricota achava que todas aquelas habilidades não a levariam a nada. Tudo continuaria como sempre. Os negros lá e eles, os brancos, cá. Sem crueldades do passado, no entender dela, mas os papéis estavam bem marcados e definidos há muito tempo, e assim permaneceriam (Cruz, 2018, p. 150).

Ao contrário dos pensamentos da sinhazinha, os papéis podem e devem ser invertidos, já que não podemos deixar o conformismo continuar impactando a vida dos negros e pobres. O pensamento de impossibilidade de mudar a situação que está inserido, aparece nas falas de muitos que são vítimas desse acontecimento histórico. Na narrativa, quando Damiana decide

colocar Celina na escola, o seu marido, que tem apenas o título, pois não ajuda ela em despesa alguma, se posiciona contra essa decisão:

- Nenhuma das duas carece de escola! Não quero nenhuma das duas saracoteando na rua e nessas escolas que não servem para nada. Pra quê mulher precisa estudar, me diga? E ainda mais mulher preta! Vosmicê estudou com aquelas freira, sabe até palavra em francês e olha aí, lavadeira letrada! (Cruz, 2018, p. 267).

O posicionamento de João Paulo, esposo de Damiana, favorece aquilo que o sistema realmente quer: colocar na mente dos oprimidos que a educação não funciona para eles, uma perda de tempo. O sistema funciona para que os espaços, como faculdades, sejam frequentados apenas pelos brancos, centralizando os poderes em suas mãos. Porém, Damiana resiste à oposição do marido, exatamente porque aprendeu com sua mãe a ser independente e no fundo sabia que valeria a pena colher os frutos proporcionados pela educação. Os conhecimentos adquiridos por Celina, começam a ajudar a família:

As quatro estavam cansadas. Vinham lutando há tempos. Celina sentiu que era hora de entrar em ação e assumiu a administração das finanças da família. Anotou para a avó todos os ingredientes que usava na fabricação dos quitutes, seus preços e quanto sobrava de lucro. O mesmo fez com a mãe. Passou a controlar os gastos da casa e, se o dinheiro não sobrava, também não faltava [...] (Cruz, 2018, p. 265).

O retorno dos estudos começou a acontecer. Celina utilizava os conhecimentos adquiridos para auxiliar a avó e a mãe a organizarem suas finanças. Elas carregavam os saberes populares, mas havia a necessidade do planejamento para que tivessem controle sobre o dinheiro que entrava e aquele que saía. Com o pagamento das despesas, esses cálculos organizados facilitavam, já que conseguiriam administrar o andamento da vida. Apesar desses ganhos serem poucos e regrados, o alimento não faltava e sua mãe Damiana ficava orgulhosa com o rumo que a história delas iam tomando, já tinham a primeira letrada, Celina, e esperava os próximos para serem guiados pelo mesmo caminho, conforme podemos observar no seguinte trecho:

Damiana continuava apostando em sua fórmula; apenas tratou de vigiar mais de perto para que funcionasse plenamente. Assim como fizera com Celina, agora era a vez de dar aos netos o máximo de educação que conseguisse. Ela carregava o mais velho para todos os lugares onde achasse que ele poderia adquirir um saber diferente, que os fizesse se igualar ou superar em

conhecimentos os brancos letrados. [...] - Vovó, eu não sei por que a senhora me traz para essas coisas. Amanhã eu acordo cedo e a senhora também. Isso não poderia ficar para outro dia? [...] - Escute bem, menino, quem tem conhecimento tem o poder! (Cruz, 2018, p. 295- 296).

Desse modo, os resultados do incentivo a Eloá, filho de Celina, foram satisfatórios, pois através dele essa família consolida o que Martha havia sonhado anos atrás: sua família letrada, adentrando espaços socialmente privilegiados. As dificuldades fizeram presentes durante a longa trajetória das formações deles, uma vez que a luta pelo “poder”, proporcionado pelo conhecimento, ninguém seria e não é capaz de tomar. As mulheres que ajudaram os familiares no acesso ao ensino, embora analfabetas, tinham pensamentos admiráveis e não eram dominadas psicologicamente pelos sistemas manipuladores que enfrentaram naquela época. O trecho seguinte deixa explícito o desconforto da família Tosta, ao ver Eloá:

[...] Agora estava ali, curiosa e incomodada com o neto da criada. Como teriam conseguido? [...] O jovem magro, bem vestido, em seu terno com gravata de seda azul e perfumado, olhou-a de um jeito que a intimidou. Havia algo diferente naquela mirada. Um desafio. Alguma coisa que a mãe dela, Iaiá Bandeira, vira nos olhos da bisavó dele, Martha, há muitos e muitos anos, quando ela foi buscar apoio para a matrícula de Damiana na escola de freiras [...] - Parabéns, meu filho. A Nacional de Direito é muito difícil, muito conceituada. - Muito obrigado, dona Maricota.... - A dificuldade não foi apenas para você, está claro? Todos os seus colegas também merecem felicitações. [...] Damiana, sentada um pouco mais distante, quase explodia de orgulho. Esperou por aquilo a vida inteira para romper a linha da diferença e achava que finalmente tinha conseguido [...] (Cruz, 2018, p. 300).

Apesar de as universidades e escolas começarem a ter um número significativo de pessoas negras matriculadas, o racismo continua os violentando e segregando. Os brancos ainda não aceitam as pessoas negras nos mesmos espaços, ocupando as mesmas cadeiras e os mesmos cargos de trabalho, ainda que elas cheguem nesses ambientes pelo esforço e derramando muito suor. Vale destacar, que durante a década de 50, Einar, filha de Celina, é colocada em uma escola de freiras como a sua avó Damiana, porém, não sabia que nessa altura seria alvo de discriminação:

Para a neta mais velha, ela convenceu Celina de matricular na escola religiosa, pois pensava que ainda tinham o melhor ensino [...]. Desde o primeiro dia na instituição, ela foi destinada a lavar e limpar o que as mais ricas sujavam no aprendizado. Recebia castigos severos e ajoelhou muito no milho em penitências por qualquer mísero erro. A menina se consumia e se retraía. Estava no caminho de Dodó. Quando percebeu o que estava ocorrendo, Celina

a retirou da escola imediatamente (Cruz, 2018, p. 298).

Diante disso, atualmente temos a lei de cotas (Lei nº 12.711, de 29 agosto de 2012) para pessoas negras, que obteve ampliação (Lei, nº 15.142/25, de 3 junho de 2025), felizmente. De acordo com o Governo Federal (2025), esta lei reserva, a partir de agora, 30% das vagas de concursos públicos e processos seletivos. A população negra tem direito a 25%, povos originários 3% e quilombolas 2%. Pela falta de informação, muitas pessoas negras não sabem como a lei funciona, acreditando que são ‘inferiorizadas’ ao utilizarem as cotas, quando isso é um direito conquistado. No entanto, isso não repara os danos causados pelo período da escravidão, que persistem até os dias atuais em contextos educacionais, hospitalares e judiciários. O ataque é constante, e essa lei não devolve as vidas perdidas, porém abre oportunidades para inserir o filho do pobre nas universidades. Por isso, a elite tenta acabar com essa lei, que busca incluir aqueles que vivem às margens.

Contudo, percebemos que o conceito de reexistência de Ana Lúcia Silva Souza (2011) precisa ser inserido nos currículos das instituições educacionais. Esses jovens negros precisam encontrar inspirações em pessoas que, assim como eles, pobres e carentes de apoio da sociedade, conseguiram obter formações reconhecidas de sucesso ou cargos admiráveis, para se sentirem representados e inspirados na construção de suas vidas, valorizando, a partir disso, a própria história.

Para o fechamento da seção, Umbelina, que tem um papel importante na vida da geração destas sete mulheres, assim como Akin ela tinha desejo de retornar ao seu país de origem. Enfim, depois que a lei promoveu a liberdade às pessoas negras escravizadas dos trabalhos forçados, ela consegue retornar ao lugar que lhe pertencia e não deveria ter sido arrancada, principalmente com violência. O trecho expõe o momento que Martha descobre que Umbelina tinha voltado a África:

Martha sentiu-se mal. Estava tão concentrada em todos os seus problemas e na sua vida que não percebeu nada do que acontecia ao seu redor. Entendeu que não via Firmino há duas décadas, mas ele nunca deixou de saber dela e até mesmo de vê-la sem que percebesse. Ela nem ao menos tinha sabido que, nos meses que passou sem ver Umbelina, antes de começar a frequentar sua casa religiosa com mais assiduidade, sua avó do coração tinha retornado à África da qual sairá com 15 anos [...] (Cruz, 2018, p. 177)

Portanto, “Água de barrela” (2018) constrói a resistência e reexistência por meio das mulheres negras, deixando prevalecer o seu poder como transformação da realidade. As

dificuldades e perseguições que assolam suas vidas e seus corpos as levam a unir forças para suportar esse processo longo e doloroso. Elas incorporam suas crenças nesse novo ambiente e procuram soluções para que não vivam sem mudar aquele contexto desumano. A espiritualidade surge como um espaço de alívio das dores passadas e presentes, auxiliando-as a não desistirem da busca pela justiça. O gênero feminino ganha destaque: a fragilidade imposta às mulheres se rompe aqui. As negras são apresentadas como pessoas guerreiras que se tornam independentes sem o apoio de um marido. Os companheiros que geram apenas “filhos” causam decepções em ambas, que, diante da falta de apoio e das frustrações, enfrentam o mundo sozinhas, sem o auxílio de um “pai” na criação dos filhos, recebendo amparo apenas de outras mulheres negras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi abordar os processos de reexistência e resistência das mulheres negras no romance “Água de barrela” (2018) de Eliana Alves Cruz, examinando também as vivências das personagens que refletem a coletividade; ou seja, a escrevivência, para um melhor desenvolvimento da análise e interpretação da obra.

Portanto, a pergunta que encadeou este estudo procurou entender como Eliana Alves Cruz esboça a resistência e reexistência de mulheres negras no romance “Água de barrela” (2018), perante as violências que perpassam seus corpos na época colonial e no período de abolição; e de que maneira a escrevivência aparece em cada uma dessas personagens negras como reflexo de representações coletivas.

Os principais resultados alcançados demonstram que a reexistência e resistência aparecem principalmente por meio da religião de matriz africana, o candomblé, que surge como refúgio das dores enfrentadas pelos negros, especialmente as mulheres que têm seus corpos violados, como a criança Anolina, que também resiste aos abusos sexuais com a utilização de ervas, para evitar uma gravidez indesejada.

Dessa forma, as culturas que são “demonizadas” eram e continuam sendo utilizadas para obter resistência. Esse apego aos rituais de matrizes africanas diz muito sobre como ali, essas pessoas conseguem conforto; ambientes onde todos se acolhem sem julgamentos. É uma cultura que ampara, renovando as forças para seguir adiante, com a esperança de que um dia seja possível viver em um mundo mais justo e igualitário.

Martha e Damiana também reexistem sem liberdade, para que as próximas gerações de sua família consigam ocupar espaços de privilégio, proporcionados pelos estudos. Elas buscam diferentes maneiras de quebrar esse ciclo, em que somente as pessoas brancas podiam ser chamadas de “doutores”. O desejo de ver sua família letrada se concretiza: Celina se torna professora e Eloá ingressa na Universidade de Direito, além dos outros que seguiram diferentes áreas.

Em relação às personagens negras, a escrivência estrutura a descrição de cada uma delas na narrativa. Portanto, Ewá, a africana sequestrada e violentada dentro do navio evidencia o que outras africanas passaram em situações parecidas. Do mesmo modo, Anolina a bisavó, que reflete as crianças negras estupradas na infância. Ela também retrata o trabalho infantil, da mesma forma que Maria da Glória, Dodó.

As personagens Martha e Damiana, representam aqueles que não tiveram oportunidades de ocupar os espaços escolares e procuram meios para que seus filhos, netos, bisnetos ou tataranetos consigam adentrar nestes locais, para mudar a própria realidade. E não menos importante, Nunu (Anolina, a bisneta) ecoa vozes familiares que foram silenciadas. Assim, as personagens negras ganham espaços de pronúncia e descrição de suas vivências que retratam o coletivo, de diversas famílias negras.

O presente estudo contribui para pesquisadores que se interessam pela temática, como também para espaços educacionais que buscam trabalhar com análises de obras que destacam os negros, principalmente as mulheres como protagonistas e guerreiras, com o intuito de apresentar a comunidade escolar, representações que valorizam esse povo e sua cultura, diferente do cânone que os coloca como inferiores ao branco.

Desse modo, as fundamentações teóricas deram norte à pesquisa, os conceitos de reexistência, resistência e escrivência possibilitaram uma melhor compreensão da obra e o aprofundamento dessas perspectivas, assim como das denúncias de estereótipos e das tentativas de silenciamento do povo negro.

Quanto às limitações da pesquisa, algumas se fizeram presentes, principalmente pelo período curto de desenvolvimento deste trabalho, que dificultaram um melhor aprofundamento sobre a temática. Houve também a dificuldade de encontrar materiais que falassem de violência contra as mulheres e crianças negras, assim como os processos de reexistência e resistência encontrados pelos negros, por este motivo nota-se a necessidade da continuação deste âmbito de pesquisa que se faz amplo e necessita de outras buscas para tratar deste tema importante e

indispensável para meios acadêmicos e sociais, que explorem representações que façam o povo negro e suas culturas se sentirem representados e valorizados.

Por fim, Eliana Alves Cruz é uma escritora que traz em suas obras uma escrita potente que muda o viés do protagonismo na literatura e abre espaço para que os personagens negros sejam ouvidos e vistos como capazes. Conforme uma entrevista na Medium Books (2018, s/p), a autora deixou uma mensagem para os seus leitores “Brasil, se olhe no espelho, enxergue quem você realmente é e se ame. A história e o conhecimento do povo negro são tesouros riquíssimos que precisam ser descobertos e aproveitados por toda a nação”.

Assim, conclui-se que as metodologias utilizadas contribuíram para compreender que a escrevivência aparece realmente como força de representação dessas mulheres negras, que reexistem e resistem diante das violências que perpassam suas vidas em diferentes contextos e reverterem a situação que lhes foi imposta desde a escravidão. Essas ancestrais demonstram que os estudos são um excelente caminho para a mudança da realidade.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Adriana Mota. **A ficção brasileira narrada por mulheres negras: estudo comparativo entre Úrsula, de Maria Firmina dos Reis e Água de barreira, de Eliana Alves Cruz.** 2022. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

BRASIL. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. Dispõe sobre o estatuto jurídico dos escravizados. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496715>. Acesso em: 18 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm. Acesso em: 29 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 19 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera as diretrizes e bases da educação nacional para incluir o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 11 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 15.142, de 3 de junho de 2025. Amplia a reserva de vagas em concursos públicos para pessoas pretas, pardas, indígenas e quilombolas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 jun. 2025.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de Barrela*. Rio de Janeiro: Malê, 2ª Edição, 2018.

CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. **Histórias e memórias afro-atlânticas nos romances de Eliana Alves Cruz**. Teresina: Tese, UFPI, 2023.

CAVALCANTI, Genivaldo Bezerra. **O papel de mulheres escravas negras na sociedade africana e na sociedade brasileira no período de escravidão: Século XVI e XIX**. Revista Campo da História, v. 7, n. 2, 2022. ISSN 2526-3943.

CNN Brasil. Violência contra mulher negra: maioria dos casos começa na juventude. *CNN Brasil*, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/violencia-contra-mulher-negra-maioria-dos-casos-comeca-na-juventude/>. Acesso em: 18 out. 2025.

EVARISTO, Conceição. “Escrivência: a escrita de nós.” In: DUARTE, Constância Lima; NASCIMENTO, Eliane Debus (orgs.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação: e outros movimentos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

FIGUEIREDO, Raphaela Ferraz; SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. **A construção do papéis de gênero na infância e as implicações do abuso sexual nessa tenra idade.** XIV Colóquio Nacional e VII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico da UESB e XII Seminário Nacional e II Internacional do HISTEDBR/UNICAMP, 2022, p-132-137.

FAGUNDES, Laís Ribeiro Durães. **Contradiscorso das práticas colonialistas: uma análise de Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz.** 2023. 101 f. Dissertação [Mestrado em Estudos de Literatura]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

FRIAS, Lara Fratucci. **A mulher negra como força das transformações sociais: correlações entre Água de barrela e Até o fim.** 2023. 74 p. Dissertação [Mestrado em Literatura Comparada]. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HERMINIO, Beatriz. **A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo.** Instituto avançado da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 05. Maio de 2025.

HOUAISS, ANTÔNIO; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. ISBN 9788573029635.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

Ministério da saúde. **Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil.** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/novo-boletim-epidemiologico-aponta-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>>. Acesso em: 03. fev de 2025.

PEREIRA, Catiane. **Crianças negras são maioria entre os 1,65 milhão em trabalho infantil no Brasil.** *Revista Afirmativa*, 25 set. 2025. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/criancas-negras-sao-maioria-em-trabalho-infantil/>. Acesso em: 19 out. 2025.

RAUL, Jessica Mara. **Mulheres negras e a luta por igualdade: por um feminismo negro decolonial.** *Estud. sociol.* Araraquara, v.21 n.41 p.291-302 jul.-dez./2016

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 176 p. ISBN 978-8579340321.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA PARAÍBA. Maio Laranja: 70% dos crimes de exploração sexual de crianças acontecem em casa. Disponível em: <https://www.tjpb.jus.br/noticia/maio-laranja-70-dos-crimes-de-exploracao-sexual-de-criancas-acontecem-em-casa>. Acesso em: 19 out. 2025.